

DEPOIMENTOS DO ALÉM

(*ESPÍRITOS DIVERSOS*)

2ª Edição - 2012

Revisada conforme o novo Acordo Ortográfico



PABLO DE SALAMANCA

(médium)

2005

**DEPOIMENTOS
DO ALÉM
(espíritos diversos)**

PABLO DE SALAMANCA

(médium)

2005

SOBRE O MÉDIUM

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, tendo-se graduado em 1991. Iniciou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. Terminou o primeiro livro psicografado em 2001, obra intitulada “Sabedoria em Versos”, cujo autor espiritual foi o “menino Poetinha”. Este trabalho atual, “Depoimentos do Além”, foi finalizado em 2005, sendo um conjunto de mensagens de vários autores espirituais. Atualmente, Pablo tem trabalhado na execução de outros livros, que deverão vir à tona em futuro breve.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Quanto àqueles que colaboraram diretamente na elaboração deste livro, preciso agradecer especialmente e citá-los: Terezinha S. do Carmo, Elson de C. Viegas e Eduardo M. Mendonça.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados. Embora ela esteja sendo oferecida gratuitamente, através de download, pelo *site* **www.espiritualistas.org**, ela só poderá ser reproduzida, sem finalidades comerciais, com a autorização do “autor” (médium), após contato através do *e-mail* **contato@espiritualistas.org**, quando será permitido citar esta obra em parte ou no todo, desde que denominando o “autor” e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÀS EDITORAS

Caso alguma editora se interesse em publicar esta obra em papel, favor comunicar-se com Pablo de Salamanca, através do *site* **www.espiritualistas.org**, pelo endereço eletrônico **contato@espiritualistas.org**.

INTRODUÇÃO

Este livro é formado por um conjunto de narrativas, as quais foram chamadas “depoimentos”, por assemelharem-se aos testemunhos dados em juízo. Contudo, neste caso, os “depoimentos” foram apresentados diante do tribunal da própria consciência, que é o juiz do qual não se pode fugir. Os “depoentes” foram diversas pessoas, já livres da matéria densa. Estes espíritos, através da psicografia, testemunharam suas vidas passadas, de forma a compartilharem suas experiências com os irmãos encarnados, visando, em termos gerais, serem úteis àqueles que ainda estão no plano denso da matéria.

As mensagens foram agrupadas em três níveis de evolução ou estado espiritual, de forma a facilitar a compreensão do leitor, quanto ao grau de entendimento dos “depoentes” com relação às leis evolutivas.

Assim, o primeiro grupo de mensagens foi denominado “Espíritos sofredores”, porque o conteúdo de suas narrativas são carregados de erros, lamentações e arrependimentos pelos atos passados. Em suas consciências predomina a necessidade de corrigir as faltas pretéritas.

No segundo grupo de mensagens, observa-se que os “depoentes” já expressam ter compreendido bem onde erraram. Além disso, tiveram a oportunidade de resgatarem parte significativa de suas faltas, mostrando um satisfatório êxito sobre suas fraquezas. Então, a este grupo, denominou-se “Espíritos em regeneração”.

Quanto ao terceiro conjunto de mensagens, dos “Espíritos superiores”, foram aquelas narrativas onde predominaram os sentimentos mais elevados e um alto grau de compreensão da vida. Além destas entidades espirituais demonstrarem um profundo conhecimento das leis universais, a sua presença marcante deixou energias benéficas características no corpo do médium, auxiliando-o na identificação da presença de espíritos de evolução maior.

ESPÍRITOS SOFREDORES

O Renegado

Pai, perdoa-me porque pequei! Quando caminhava na Terra, ignorei conselhos amigos, não dei importância a avisos oportunos e ironizei advertências. Por isso, sou um renegado de meu próprio povo, ao qual explorei indevidamente. Aviltei os recursos de minha nação, através da minha posição social e das amizades que nutria com os poderosos da época.

Passei muito tempo nos submundos, após a minha passagem para o mundo dos mortos, vagando entre as sombras, à busca de meu posto e regalias. Minhas condições eram lastimáveis, mas permanecia gritando, em vão, pelos meus comandados. Embora muitos estivessem a meu lado, não tinham sucesso ao tentarem me obedecer.

Somente depois de longos anos, é que passei a ter remorsos e a enxergar claramente que eu era culpado. Então, apercebi-me de como era grande o peso sobre minha própria consciência. Além de ter abusado da população mais humilde, que sorria com facilidade e confiava de coração suas casas aos estranhos, eu não soube conjugar a capacidade de mando com a sabedoria. Desta forma, a Justiça Divina foi implacável comigo, mas, ao mesmo tempo, infinitamente justa. Só quem teve uma derrota profunda, como eu tive, é que pode aquilatar como é terrível perder uma grande oportunidade, de levar a bom termo uma vida terrena.

Hoje, peço ao Pai de Força e Luz que clareie meus caminhos. Suplico que Ele substitua o ardor de minha alma pela paz de espírito. Espero conseguir deixar os ímpetos, para poder dar descanso a minha mente atribulada. Senhor, por misericórdia, ajuda a meus servos de outrora a se desligarem de mim, permitindo que eles sigam a seus próprios caminhos. O peso sobre minhas costas ainda é acerbo. Eu sei Senhor, que a tua cruz carregastes até o fim, mas eu, miserável espírito, não tenho a hombridade de suportar o fardo que carrego. Apesar da minha fraqueza moral, agradeço a esta bendita oportunidade para desabafar e, ao mesmo tempo, deixar um alerta para os homens da Terra. A eles me dirijo, pedindo que analisem bem o meu caso e que possam concluir que o vício pelo poder, a vaidade e o orgulho são más tendências, que comprometem terrivelmente suas vidas. Falo principalmente àqueles que chefiam outros seres humanos, aos que têm poder de decisão sobre a vida alheia. Meus caros, sejam honestos e mesmo humildes quando dão ordens, porque comunidades inteiras dependem do bom senso dos líderes. Caso contrário, a cobrança da própria consciência, no futuro, pode ser maior do que se pode suportar.

Um renegado

18/04/1995

O Médico

Nasci em 1820, na terra chamada Brasil. Fui educado em França, acostumando-me ao bom vinho e às pessoas de “alta estirpe”. Quando retornei às terras tropicais de origem, surpreendi-me com os homens de pele escura, escravizados de forma tão vil. Já no porto onde desembarquei, tive grande má impressão, ao ver os negros carregando pacotes sob os improperios de capatazes de pouca gentileza. Contudo, não demorei muito a acostumar-me à situação, pois revoltar-me era esforço demasiado para mim, um homem de “fino trato”. Voltei para a soberba fazenda de minha família, envergando o título de doutor da ciência médica. Tal fato era para mim de pouca valia, porque o dinheiro era farto e real vocação para a profissão eu não tinha.

Conheci minha amada alma gêmea numa tarde de verão, sob a sombra de árvores frutíferas, ao redor da casa de meus genitores. Era doce figura, bela como o sol da manhã. O amor que sentia por ela era profundo, em nada parecendo com a superficialidade que cultivava em terras européias. Pela primeira vez, nutri um sentimento forte o suficiente para me arrebatara. A correspondência de minhas intenções logo se fez e nos amamos por alguns meses, como num sonho excelente. Porém, suprema desgraça! A tuberculose maldita roubou meu amor de meus braços, qual foice a podar tenro broto indefeso. Desolado, afoguei minha grande e funda mágoa nas noitadas e casas da vida. Miserável, espoliei os recursos paternos até a última gota e, quando dei por conta, já era um pária tuberculoso. Perdi minha vida e, para cúmulo de desgraça, caminhei perdido por longos anos à busca da razão do meu ser. Um nada foi o resultado dos meus ingentes esforços, pois encontrei-a na forma de uma criança. Ela estava reencarnada.

Como não poderia mais tê-la, então continuei minha peregrinação, agora sem motivação definida. Um dia, deixei-me ficar numa choça escura, deitado, à espera de um possível auto-aniquilamento. Aguardei neste estado, por longo tempo, com a intenção de perder a própria consciência, mas não obtive sucesso. Certa vez, lembrei-me das pregações de um velho padre de minha paróquia, no mundo terreno. Suas palavras surgiram em minha mente e determinada frase se repetia incessantemente: “O céu é o caminho do bom cristão...”. Levantei-me tropeçadamente e pensei, pela primeira vez após a morte do meu corpo carnal, que Deus poderia ajudar-me. Quem saberia dizer-me? Tentei orar, mas as palavras certas eu já as

tinha esquecido. Tive vergonha e chorei. Eu era um ser desprezível. Grossas lágrimas percorriam meu rosto decrépito. Minhas forças eram mínimas. Porém, neste momento de autocrítica, uma luz surgiu sobre mim, seguida de uma suave voz: “ Meu filho! Venha até nós!” Uma invencível força me atraía para aquela voz, ao mesmo tempo que sentia minhas energias retornarem, como se estivesse rejuvenescendo. Caminhei, ainda cambaleante, mas resoluto na minha vontade de sair daquele estado deplorável. Fui resgatado por boníssimos amigos espirituais.

Hoje, espero uma chance de voltar à Terra. É difícil e constantemente perco a coragem. Contudo, espero que minha história sirva como exemplo a não ser seguido, por aqueles que têm pouca vontade de vencer os obstáculos da vida.

Rodrigo

19/04/1995

Um Espírito Angustiado

Senhor, guia-me pois não posso mais! Sinto-me ainda muito fraco devido aos caminhos que escolhi trilhar. Mostra-me a solução derradeira para minhas dúvidas e fraquezas, e eu a seguirei sem pestanejar. Não quero mais duvidar. Não suporto mais esta situação.

É torturante lembrar, que acreditei firmemente que quando meu corpo morresse, minha consciência se extinguiria. Por isso, quase anulei-me após a morte física. Tive pesadelos horrendos por um tempo que não posso e não desejo calcular. Tenciono esquecer tudo o que se passou, mas não consigo.

Hoje, prostro-me perante Ti, Senhor, despojando-me da vaidade louca e do orgulho sem medidas a que me deixei levar. Acreditava que a vida era apenas material. Não pensava que havia um espírito imortal a mover os nossos corpos. Ridicularizei as pessoas que na Terra combatiam-me as idéias materialistas. Ironizei os padres e minha santa mãe. Julgava-me um livre pensador, um douto sábio, um filósofo. Cheguei mesmo a escrever sobre o assunto, dissertando sobre a estupidez da crença religiosa e da vida após a morte. Conheci os espíritas e os julguei vigaristas à cata do dinheiro dos ignorantes. Eu não confiava em ninguém.

Atualmente, percebo com clareza que eu era um ser angustiado, pois nada me consolava acerca das amarguras da vida e da frigeidez da morte. Por isso, naquela época resolvera, num certo ponto da minha jornada, a desprezar a questão, até que viesse a morrer e pudesse constatar, por mim mesmo, a realidade.

Como não acreditava verdadeiramente em nada, o meu despertar no plano espiritual foi lento e doloroso. Suportei pesadelos hediondos, onde me via insistentemente sendo levado para o fundo da cova, sob as flores do féretro, inúmeras vezes. Senti, para meu terror supremo, os músculos e demais tecidos corpóreos serem corroídos pelos vermes. E o que dizer dos odores nauseabundos? Tudo isto ocorreu em função de eu considerar firmemente, que o meu ser era constituído somente por matéria densa.

Deus! Hoje, cada vez que digo o Vosso Nome sinto minhas forças aumentarem. Minha recuperação completa está a caminho, embora a fé na minha alma ainda seja algo vacilante. Os reflexos de antigos pensamentos nefastos persistem e teimam em prejudicar-me. Senhor,

fortalece a minha fé, pois não quero mais sofrer. Àqueles que porventura leiam esta mensagem, deixo um alerta: não sigam meu exemplo de dúvidas e de dor!

19/04/1995

A Paixão

Minha história é triste e miserável! O meu nome, não quero lembrar! Nas agruras da vida esqueci completamente da existência de Deus. Sou, hoje, um exilado da felicidade. Minhas doces ilusões de outrora se foram.

Quando na Terra, sofri os dissabores daqueles que amam de forma louca e apaixonada. Não fui correspondido, para minha suprema desgraça. Só saberão a intensidade desta dor, aqueles homens que passaram pelo mesmo problema. Posso afirmar que não há algo mais humilhante do que ser rejeitado, e, mesmo assim, continuar amando a mulher que não quis abrir o seu coração.

Destruí a minha vida, tentando provar ao infeliz espírito feminino, que eu a amava. De certa forma eu a culpo, pois as mulheres quando sabem ser amadas sentem que têm um poder muito grande, transformando, muitas vezes, seus admiradores em dóceis vítimas de sua vaidade. São como o escorpião, que cercando sutilmente suas presas, injetam o veneno apenas na hora que lhes apraz.

Hoje, debato-me ainda em sonhos loucos à busca da pessoa que amei, com profunda paixão. Às vezes, tenho pesadelos acordado, embora saiba que o objeto de minha adoração não está próximo. Gostaria muito de pedir-lhe perdão pela violência que cometi. Acabei com a sua vida, impiedosamente, num momento de loucura. Seu desprezo persistente por mim eram doloridos como punhaladas, o que transformou minha paixão submissa e covarde em desvario sem limite. A imagem da bela criatura sem vida, nos meus braços, destruiu meus sonhos de rapaz, retornando ainda à minha mente com constância.

Não muito tempo depois de cometer o hediondo crime, tirei a minha própria vida, acumulando um peso maior na consciência. Vaguei em vales sombrios, tendo como perseguidora implacável, a lembrança da fina dama. Cambaleava por caminhos viscosos e lotados de homens e mulheres sem destino. Os gemidos enchiam o ambiente, onde, em primeiro plano, se ouvia um coro de lamentos infernal.

Após muito tempo, fui transferido para um lugar melhor, através do auxílio de boas almas. Contudo, ainda busco-a. Minha suprema ventura seria encontrá-la para implorar que

me perdoasse. Não posso mais viver sem ouvir de sua própria boca o perdão pelo grande erro. Esta é a minha história, a de um homem sem nome e sem ânimo para prosseguir.

20/04/1995

O Jogador

Quero deixar minha mensagem de dor e de alerta. Obrigado senhor, por permitir esta oportunidade.

Quando tinha um corpo material, muitas oportunidades tive para ser um homem de bem. Andei por caminhos escusos devido à ânsia de poder. Subjugar o semelhante era, para mim, um prazer doentio. Não compreendia que fazendo o que fazia, só atrairia o desgosto e a agressão.

Em determinado tempo, dirigi um grande cassino, onde os jogos de azar e os vícios conviviam intimamente. Amealhava extensos recursos monetários que me propiciavam exercer o sonhado domínio sobre as pessoas.

Desde a infância, tencionava casar-me com bela moça de elevada classe social, sendo este, talvez, o único desejo verdadeiramente justo de minha alma. Ao demais, só desvios de caráter desde os tempos da juventude.

Cresci jogando nas cartas do baralho a oportunidade de enriquecer e ser bem sucedido. Por falecimento de parente próximo, herdei volumosa fortuna que investi na compra de uma casa de jogos de pequeno porte. Uma vez instalado, busquei aquela que havia elegido para acompanhar-me na vida. Contudo, grande desgosto tive, pois a rejeição foi a amarga resposta que recebi.

Revoltado e mais endurecido, resolvi castigar os homens a minha volta, através de demonstração de supremacia e agudo despotismo. Nada compreendia, nem esforçava-me para tanto, fosse a má sorte de um infeliz, a doença de um empregado ou problemas de família. Aliás, o que interessavam a mim problemas familiares, se eu não tinha mais família? Meus pais morreram e eu, como um ser estéril, não conseguira formar um lar.

Vivi a vida sem prestar auxílio a ninguém, só contabilizando gastos e lucros. Os homens eram para mim funcionários ou fregueses. Outra classe para os seres humanos não havia. Amigos? Desconfiava de qualquer um que de mim se aproximasse mais intimamente. Só esperava traição e calúnia.

Não atinava com os problemas alheios como já disse e, além disso, exigia sempre a perfeição dos outros com relação a minha pessoa. Não perdoava e não pedia perdão. Eu era seco como o carvão e frio como o gelo.

A vida solitária fez crescer neuroses na minha personalidade, que, ao longo do tempo, tornaram-se irreversíveis. Os conselhos médicos eram ironizados e as poucas palavras amigas que recebia, eu as enxotava com orgulho e desconfiança.

Você que me ouve e põe no papel minhas lembranças, já pode imaginar o que se sucedeu na minha vida. Envelheci e morri em meio ao descaso e abandono, apesar do rico dinheiro acumulado. Passei para o outro lado da vida, trajando grosseira vestimenta escura. O peso daquela roupa fazia ela assemelhar-se ao chumbo. Eu não saía do nível do solo terreno. Não podia alçar vôo. A frieza e a solidão eram companheiras íntimas neste meu novo estado de ser. Miserável, eu não sabia a quem recorrer. Os enfermeiros não atendiam-me mais. O que havia com o salário pago? Por acaso meu dinheiro não era mais aceito? Cansado, deixei-me ficar na situação desoladora, clamando interiormente por uma solução que não vinha, para minimizar os desagradáveis sintomas de minha doença.

Penosas lembranças do passado avultavam-se em minha consciência. Negras memórias deprimiam-me mais e mais, conforme surgiam repetitivamente. Grande angústia resumia meu quadro geral, que tornou-se pior quando severas acusações passaram a chegar, freqüentes, em meus ouvidos. Eram reclamações de auxílios não recebidos e dívidas não perdoadas. Eu respondia desesperadamente às acusações recebidas. Estava enlouquecendo. Não compreendia que havia perdido o corpo físico e não habitava mais no plano material.

Ao final de certo tempo indefinível, tornei-me melancólico. O remorso atingia-me pela primeira vez. Lembrei-me novamente de chefes de família pedindo empréstimos ou solicitando um abrandamento na cobrança de juros, e via suas crianças choramingando de fome e padecendo de doenças. Agora, estava sendo responsabilizado de ter permitido que várias crianças falecessem, devido a minha usura. Também recebia acusações de ter sido mandante de surras aos trabalhadores endividados. Tudo era verdade! Então, fui condenado pela minha própria consciência. Envergonhei-me e quis pedir perdão a todos que havia prejudicado, porém continuei a ouvir as mesmas imprecizações.

Longo tempo se passou, até que a esperança de remédio para meus males praticamente se esgotou em minha mente. Então, clamei a Deus com toda força que restava em minha alma, para que me perdoasse. Não estava pedindo auxílio para reduzir meus mal-estares, enjôos e tonturas, que eram freqüentes, mas apenas perdão pelos meus atos.

A resposta àquela súplica honesta foi um turbilhão de energia que atingiu-me inesperadamente. Tornei-me mais leve, sendo transportado por cuidadosos trabalhadores para um posto socorrista, situado num lugar mais elevado do que aquele onde eu estava. Os enfermeiros trajavam túnica branca, que cobriam seus corpos por inteiro, sobressaindo, na altura do peito, uma cruz vermelha que era símbolo da instituição localizada no plano astral. Alegrei-me pela primeira vez em muitos anos.

Fui informado que era desencarnado e porque ficara tanto tempo sem auxílio. Explicaram-me que já tentavam prestar-me socorro há um bom tempo, mas eu estava tão preso ao mundo material que não conseguia ver nem ouvir os socorristas. Eles estavam numa dimensão mais sutil que a minha, por isso foi necessário permanecer longo período ao relento de minha própria alma, para que eu meditasse e compreendesse o quanto havia sido egoísta na Terra. Assim, pude iniciar um caminho de renovação interior, ao mesmo tempo que dissolvia lentamente os laços magnéticos que me prendiam ao plano físico, tornando possível o resgate.

Hoje, preparo-me para reencarnar. Após um longo estágio em estância de aprendizado, espero ter absorvido todos os recursos necessários para a vitória sobre mim mesmo. Renascerei em região humilde do planeta, onde terei uma família pobre como guarida. Muitos irmãos consangüíneos me farão companhia. Meu novo corpo apresentará algumas anormalidades que propiciarão necessidades que só outras pessoas poderão atender, para que recebendo auxílio constante, fique marcado em meu espírito a importância da solidariedade.

Os instrutores que me auxiliam no processo reencarnatório, ajudaram-me a compreender a Sabedoria Divina, ao planejar para mim esta nova oportunidade com dificuldades maiores. Mostraram-me também vidas anteriores a esta que eu narrei, podendo concluir que os mesmos erros vêm se repetindo de forma sistemática. Só um remédio mais amargo poderá me trazer uma cura definitiva! Agora começo a entender que dar e receber é Lei Divina, a qual não se inflige impunemente. Àqueles que agem como eu agi, peço que procurem modificar os pensamentos e ações egoístas. Que nós possamos cada vez mais amar para que sejamos amados.

Robério

22/04/1995

O Ateu

Minha mensagem é destinada aos homens de pouca fé. A eles eu peço uma atenção especial.

Quando caminhei pelo mundo terreno, desconhecia que a vida se prolongava após a morte física. Duvidava desta realidade e, por isso, combatia as idéias religiosas com pertinácia. Os sermões dos padres, pregações evangélicas ou qualquer tipo de conversação espiritualista eu sempre ignorava com desprezo, ou, quando havia chance, emitia opinião desfavorável. Eu repudiava todo e qualquer pensamento que assumisse um cunho religioso. Era um ateu convicto e não atinava que minhas concepções, na verdade, eram preconceitos construídos com base na vaidade pessoal.

Às portas da morte, busquei um consolo na filosofia materialista que eu professava, porém este não veio. Na realidade, eu nunca havia pensado no futuro, pois no futuro que eu acreditava, haveria apenas o vazio. Eu tinha sede de viver, continuar pensando, manter minha consciência, mas eu não acreditava na alma imortal. Então, a angústia tornou-se companheira inseparável dos meus últimos dias. Meus amigos e parentes mais chegados não conseguiram abrandar os sentimentos deprimentes que se apossavam de mim.

Quando meus olhos fecharam-se para a vida material, passei a andar às cegas por estranhos caminhos. Eles não tinham início, meio ou fim definidos. Pareciam formar um labirinto, que espelhava o que se passava em minha alma. Afinal de contas, não cultivei sentimentos elevados ou solidários durante a vida física, e os poucos amigos que tinha eram da mesma estirpe que eu, ou seja, alimentavam idéias semelhantes às minhas.

Não compreendia a minha situação, já que apenas lembrava-me de que estava desenganado pelos médicos, prostrado no leito. Por quê caminhava a esmo? O que havia ocorrido? Haveria perdido a razão? Estaria moribundo em meio a alucinações de morte? Eu não poderia mesmo entender, pois assumi como verdade incontestável que após a morte reinaria o nada. Lembrei-me dos remédios ministrados e concluí que eles deveriam estar causando tanta confusão mental. O câncer corroía-me, mas os médicos receitavam com frequência no afã de tirarem-me os níqueis. Para eles, a medicina era apenas um modo de sobreviver. Se era para eu permanecer naquele estado, que deixassem-me morrer! Infelizes homens de branco sem ética, que pouco se diferenciavam de banqueiros ávidos por lucro!

E com este estado de espírito, caminhei por muitos anos por veredas escuras. Depois soube que foram quase trinta anos. Havia perdido por completo a noção de tempo. Não poderia imaginar que tinha vagado por quase três décadas. Neste período, minha sina era ser um andarilho que passava fome e sede, sofrendo dores constantes, que eram reflexo da doença que destruiu meu corpo. Às vezes parava por imposição do cansaço e caía num sono perturbador e longo. Em seguida, levantava para voltar a caminhar sem rumo.

Em determinado dia, de suma importância para meu espírito, cheguei a um local que tinha luminosidade própria. Era um ponto de luz que se destacava naquela escuridão. Finalmente pude enxergar algo mais definidamente, embora, conforme me aproximasse, a claridade incomodasse meus olhos. Estaquei somente quando cheguei diante de um grande portão. Este era ladeado por torres de vigia bastante elevadas. Pude ver guardas por trás do portão e pedi ajuda. Minha fraca voz parecia não surtir efeito, mas, após algum tempo, vieram me atender. Recolheram-me para dentro daquele local e rapidamente tornaram a fechar a entrada. Confuso e cansado, desfaleci.

Pela primeira vez em muito tempo, tive um longo sono reparador. Durante este descanso, revi toda a minha vida material. Recordei as oportunidades, decepções, algumas fugazes alegrias e tudo o mais que serviu para que eu fizesse uma avaliação daquela experiência terrena. Quando despertei, fui carinhosamente alertado para o fato de que já não dispunha de corpo carnal. Em princípio fiquei arredio com a notícia, pois ela era contrária aos conceitos que cultivava desde longa data. Porém, como eu era um homem de raciocínio lógico e havia notado um encadeamento coerente entre os fatos que ocorreram, acabei aceitando a nova realidade. Entendi que temos uma alma imortal e que Deus está acima da vida e da morte. Deus é uma inteligência superior que age em conformidade com um amor infinito, apesar de nós seres humanos sermos tão orgulhosos.

Nos dias que vão, preparo-me para reencarnar, pois esta é uma lei da qual não podemos fugir, porque através do seu funcionamento nós evoluímos. Ainda faço planos timidamente, mas uma coisa é certa: tenciono nascer num meio em que me ensinem, desde os primeiros anos, o ABC do espiritualismo. Assim, espero não mais me enredar nas malhas frias e duras da incredulidade.

O ateu

22/04/1995

Ambição de Luz

Caro amigo, sinto uma profunda necessidade de relatar aos homens a minha triste história.

Irmãos, cansado de sofrer nas sucessivas jornadas em solo terreno, resolvi modificar minha atitude perante a Lei Maior. Contudo, o caminho que escolhi foi errado. Praticamente, eu quis arrombar as portas do céu.

Em recente caminhada pela Terra, fui humilde entregador de água em região marcada pela aridez. Ganhava sustento através desta simplória forma de trabalho e não passava de um quase pária na sociedade. Havia eu escolhido tal posição social, antes de voltar ao mundo físico, pois assim esperava atingir a maturidade espiritual através da humildade.

Porém, a rebeldia que sempre caracterizou meu ser, não poderia admitir tal situação por longo tempo, uma vez encarnado. Assim, acabei não cumprindo o plano traçado. Havia eu falhado em minha escolha? Vários mentores abnegados haviam me assistido e eu tinha pedido algo que me fizesse evoluir espiritualmente de fato, pois já estava cansado das sucessivas decepções. No entanto, não se evolui da noite para o dia. Não nos tornamos príncipes da luz por simples querer na Terra. Paguei caro em almejar subir degraus pulando-os, ao invés de galgá-los um a um. O inexpressivo entregador de água abrigava um déspota dentro do seu coração. A arrogância sempre marcou meu espírito e a posse de bens materiais foi comum em minhas vidas pretéritas. A prova que solicitei parecia não ser tão difícil, porém, para mim, tornou-se algo de grande vulto. Domar meus instintos e tendências mais fortes era tarefa demasiadamente sofrível.

Havia insistido com os mentores por ter uma vida simplória, e eles, com bondade e sabedoria, não indicaram tal tarefa como a melhor para mim. Por eles, eu seria um comerciante ou um senhor de terras, para que ainda desse vazão aos ímpetos de minha alma e esgotasse o ardor abundante. Mas, não! Persisti firmemente em tal idéia, fascinado pelo brilho dos espíritos de luz. Eu também queria ter luminosidade e força, porém sabedoria não se ganha, não se compra e não se rouba. Ela deve ser conquistada com muito suor e lágrimas, justamente o que eu não queria verter.

Hoje, estou aprendendo que a verdadeira prova da humildade só pode ser realizada em muitas vidas. Começa-se devagar até que se possa envergar vestes simples e pregar a luz do

Pai com o próprio exemplo. Senhor, perdoa este pobre infeliz que deixou-se levar pela presunção. Admito a minha vaidade quando persisti na idéia de ser humilde, quando, na verdade, ainda não o queria. Desperdicei uma vida que deveria ser bem aproveitada pelo meu espírito e sei que esta perda custará muito tempo para reparar.

Aníbal

24/04/1995

O Suicida

Sinto grande necessidade de desabafar com alguém. Terrível angústia me persegue, de forma implacável, desde a minha morte. Não tenho descanso desde que pus fim a minha miserável e dolorosa vida terrena. Sofro amargamente as conseqüências do tão tresloucado gesto, que se desdobra na minha mente sem parar, provocando-me dores reais. A cada momento, torno a morrer banhado em sangue, após despencar de grande altura, por minha própria vontade. Imploro ao Pai que não permita mais a minha queda daquela altura terrível, onde despedacei-me de encontro a pontiagudas pedras. Foi assim que descobri a Suprema Verdade: “A vida continua após a morte do corpo”.

Se pudesse voltar no tempo, não cometeria tão grande desatino. Preferiria ser açoitado sem piedade a cometer novamente o suicídio, que teve por causa uma imensa dívida contraída, que não pude saldar. Se possível fosse, tornar-me-ia um pedinte ou um reles ladrão, ao invés de cair nas garras da morte voluntária. Contudo, o que aconteceu não é passível de modificação e a vergonha de ser um devedor apavorava-me. Foi isto que provocou meu mergulho no buraco mais profundo que o ser humano pode cair.

Há pouco, explicaram-me que o motivo de minha provação no mundo físico, fora pedido por mim mesmo enquanto era um espírito em vias de reencarnar. Precisava passar pelo teste da vergonha para que aprendesse a humildade, pois, outrora, havia falhado fragorosamente neste campo. Antes, era muito orgulhoso e não sabia solidarizar-me com a pobreza.

Agora, choro amargas lágrimas de arrependimento pelo tempo perdido e por ter magoado familiares que me amavam com sinceridade. Seus lamentos, que chegam até a mim com freqüência, somente contribuem para aumentar a minha tortura moral. Fui o causador do desequilíbrio de minha família. Meu pai definhou até morrer e minha mãe acompanhou-o em seguida. Minha esposa luta com dificuldades na Terra e meus filhos sofrem pela ausência do pai, tendo-se tornados seres acabrunhados pelo desenlace paterno, que foi tão covarde quanto súbito.

Temo não ter forças para o recomeço. Fui orientado de que terei que seguir caminhos semelhantes no futuro e resistir contra nova possibilidade de queda. Preciso adquirir muita

coragem e equilíbrio. Peço ajuda através de bons pensamentos e preces que puderem emitir em meu favor.

Carlos
15/05/1995

O Político

Irmãos, meu nome na Terra foi adjetivo de morte e desventura. O desassossego foi meu companheiro fiel de jornada, nesta minha última passagem pelo mundo. Provoquei múltiplas desordens e sofri duro castigo devido ao julgamento de minha própria consciência. Ela acusou-me tenazmente por tempos que pareciam ser eternos.

Confundi civilizar com conquistar e manter a ordem com massacrar. Na minha sede de poder, instiguei o ódio ao invés da tolerância, jogando homens contra homens. Enfraquecer pela desunião para obter vitória, era a minha forma de agir preferida, com a qual usurpei posses alheias e amealhei poder, o que custou inúmeras vidas e a felicidade de muitos. Permaneci todo o meu tempo na Terra, buscando o domínio sobre os mais fracos e a enganar os fortes, para atingir objetivos de cobiça e de uma vaidade desenfreada. Eu desejava profundamente ser idolatrado, o que levou-me à perdição.

Após minha passagem para o mundo dos mortos, sofri perseguições de adversários revoltados e de homens comuns, os quais sobrepujei com o uso da inteligência, de modo vil. Espero ter aprendido a dolorosa lição e agora tenciono que este relato sinalize, claramente, o perigo que há em agir mal, sobretudo para aqueles que trilham o mesmo caminho que percorri recentemente. Desejo que os governantes de toda espécie não esqueçam que o túmulo é rumo inevitável aos mortais, e que, após a transição natural da morte, nos defrontamos cruamente com as nossas dúvidas e fraquezas. Não se engana a própria consciência, nem se acoberta a verdade com falácias ou promessas mentirosas. A utopia ou a mentira não têm guarida do lado de cá da vida.

Sigo hoje, com passos trôpegos, à busca de equilíbrio e de uma nova meta para a minha alma. Tenho sede de realizar algo de bom, com que possa realmente me orgulhar. Tenho sede da Verdade. Não quero mais que me julguem virtuoso ou competente, quando não possuir tais boas características. Desejo apenas ser reconhecido como trabalhador honrado.

Ainda agora, desequilibro-me ao recordar os sentimentos que alimentaram minha última personalidade terrena. Por isso, rogo a todos que vierem a ler esta mensagem, que possam emitir pensamentos de estímulo para com a minha pessoa. Peço que evitem a indiferença ou a franca reprovação. Explicaram-me, onde estou, que o perdão é o passo inicial para a recuperação dos faltosos de qualquer espécie. Sem o perdão, não estaremos fortalecidos

o suficiente para reencetar uma nova tentativa de aprendizado.

Assim, despeço-me reiterando meus pedidos de boas vibrações e desejando que minhas palavras sejam também esclarecedoras e úteis a todos.

15/05/1995

Fanatismo Religioso

Quero relatar a minha última passagem pela Terra e vou usar a plena verdade para isso.

Pertenci a um agrupamento de fanáticos religiosos, que localizava as suas atividades em paragens bem além de vosso país. Ainda hoje, recordo em cores muito vivas as atrocidades cometidas em nome de Deus. Vivíamos com a única intenção e objetivo de propagar nossas verdades pessoais para o mundo, considerado por nós como pagão. Quem não comungava de nossas interpretações das escrituras sagradas, não era considerado tão filho de Deus como nós, sendo muitas das vezes tachado como inimigo.

Além dos ensinamentos de nossa doutrina, estudávamos outras religiões, buscando comprovação da superioridade das idéias que regiam a nossa seita. Um ponto central era o da Justiça Divina. Éramos rígidos defensores do “olho por olho, dente por dente”. Embora a Bíblia não fosse o nosso livro sagrado, algumas passagens deste antigo texto eram bem aceitas por nosso grupo.

Aqueles que combatiam ostensivamente os nossos preceitos eram, sem a menor dúvida ou questionamento, contrários a Deus. Deveriam, por isso, serem convertidos à força, ou simplesmente eliminados caso rejeitassem a conversão.

Após muitos anos de luta contra outras formas de pensamento, a nossa seita adquiriu muitos adeptos. Com o crescimento, passou a fustigar novas regiões à busca de expansão. Porém, encontramos outra seita cuja doutrina apresentava algumas diferenças com relação a nossa. Os integrantes deste outro grupo detinham o mesmo fanatismo que nós e o choque foi inevitável. Com os mesmos aspectos de brutalidade com que executávamos nossos adversários, nós fomos destruídos.

Nós vagamos por muito tempo no mundo, sem a roupagem física, revoltados com o nosso destino. Encontramos amparo longe de nossa terra natal, numa organização do plano espiritual situada sobre a vossa nação.

Recebemos esclarecimentos acerca da necessidade de perdoar, evitando o julgamento dos semelhantes conforme a severa lei de Talião. Muitos de nós rejeitaram de pronto a sugestão recebida, pois não se desejava abrir mão da vingança, como forma de justiça permitida por Deus. Eu fui um dos que cedeu neste ponto de vista e hoje tenho a tarefa de resgatar meus antigos companheiros, que permanecem vagando pela Terra, agora tentando

inspirar homens encarnados para que aceitem estes ideais menos nobres. Trabalho incessantemente para apagar da minha consciência os erros do passado. Tenho ainda muito que caminhar na senda da evolução.

Aprendi dolorosamente que alcançar a Deus não é possível através do ódio e rancor ao próximo. Isto não é servir a Deus. O extremismo e a intolerância religiosos, ou de qualquer outra espécie, são contra a Lei de Amor, que é a base de tudo. Se não podemos ainda amar o semelhante, creio que devemos pelo menos respeitá-lo, para que este respeito possa crescer e um dia transformar-se no amor pregado por todas as religiões verdadeiras do planeta.

Um amigo espiritual

16/05/1995

Luta Interior

Senhor, por que tanto sofrimento eu vejo à minha volta? Porventura sois o carrasco da humanidade? Não! Clama a minha consciência. O cerne do meu ser brada, em alta voz, que não! Sou culpado por todas as mazelas pelas quais passei e pelo sofrimento que ainda persiste em minha alma. É, por isso, que só enxergo escombros, homens-ruína, pedaços de gente, homens transformados em ratos ou em cobras, mulheres à semelhança de escorpiões.

Jesus, será então que teus sofrimentos agora são cobrados a nós, que representamos seus algozes do passado? Será que o Deus de Moisés é o verdadeiro Deus e prevalece no mundo o “olho por olho, dente por dente”? As tuas palavras de perdão seriam apenas esperanças vazias? Se não são Senhor, por que vejo tantos corpos mutilados e tantos seres com rostos sem expressão? Mas, não! Teus mensageiros dizem-me que o ensinamento do perdão é verdadeiro e imorredouro. Falam-me dos jardins benéficos da tua morada. Falam-me de trabalho digno e alimento para a alma. Contam-me sobre os sorrisos e alegrias verdadeiros.

Em meio a estas assertivas, posso vislumbrar, com emoção dolorida, belas plagas que se me aparentam inatingíveis. Também posso recordar-me de um passado ditoso, quando as tuas bênçãos caíram sobre o meu matrimônio, através de um dos seus sacerdotes. Sim! Fui feliz, ainda que por pouco tempo, e estas lembranças fazem-me capitular a revolta e a falta de esperança. Quero ser feliz de novo, Senhor! Mostra-me o caminho seguro para a felicidade, para o pão honesto e o bom vinho.

Obrigado a você que põe no papel este meu desabafo e esta rogativa, que são sinceros. Agradeço ainda a prece que fizeste em meu favor.

02/11/1995

O Suicida Inconsciente

Irmão, bato a sua porta não com o intuito de causar confusão. Estava, já há algum tempo em tua casa, à espera de uma chance para me comunicar. Sei que minha presença não é muito agradável para você. Há pouco percebi que, quando me aproximo mais, posso te causar náuseas e, por isso, pretendo ser breve o quanto possível. Estou aqui devido ao auxílio de um guardião. Foi ele que me trouxe até a sua residência. Não quero tomar seu tempo inutilmente. Preciso contar o que se passou comigo ao chegar do lado de cá da vida.

Perdi o corpo carnal pelos excessos cometidos em minha vida material, sobretudo com o álcool. Sou um suicida inconsciente e deixei a matéria há pouco tempo. A corrosão dos meus órgãos internos, durante a minha vida física, ainda se reflete no meu ser, perturbando-me muito. Quando as lembranças são mais fortes, minhas pernas tremem e a cabeça roda. Estou em tratamento numa grande casa de saúde que existe aqui no plano espiritual. Como era muito apegado ao plano terreno, necessito estar em contato com pessoas como você, que são capazes de filtrar certas mazelas de desencarnados em desequilíbrio. Não sei ainda explicar como acontece, mas noto claramente um alívio em minha alma. O guardião ampara-me e diz que seu corpo é capaz de purificar o meu. Também explica, que estou recebendo ajuda em decorrência da Misericórdia Divina e que posso ser útil narrando a minha história, o que realizo de bom grado. Já compreendi que minhas faltas são débito pesado e que poderei neutralizá-las fazendo o bem. Que Deus o abençoe. Por favor, ore por mim.

Alfredo

09/09/1998

Obs.: Na literatura espírita, os desencarnados denominados “suicidas inconscientes” são aqueles que perderam suas vidas através de abusos cometidos contra o corpo físico, seja por excessos alimentares, uso de drogas ou de outras formas, sem que tivessem a intenção exata e consciente de provocar a morte, isto é, de cometerem o suicídio.

ESPÍRITOS EM REGENERAÇÃO

O Alcoólatra

Pai! Obrigado por conceder-me oportunidade para trabalhar. O serviço prestado a Ti é como uma escravidão voluntária a tua abençoada luz. Hoje, embriago-me em poder servir a Vossa Causa.

No passado, andei por caminhos onde o álcool era o combustível que embalava o meu ser. Eu era um miserável viciado. Meu corpo convulsionava, mas a minha mente entorpecida sempre pedia mais. Caminhava trôpego até cair. Meu rosto resvalava com freqüência pelas sarjetas. Estava fadado a uma triste sina.

Num dia, o qual quero esquecer para toda a eternidade, mas que ainda está muito claro em minha memória, saí de casa com uma vontade irrefreável de beber, de afogar-me no vinho ou de encher-me de aguardente pura. Procurei uma taberna, velha conhecida minha, onde alguns amigos já bebiam. Estes me convidaram a juntar-me a eles, ao que atendi prontamente. Sorvi o primeiro gole, que foi seguido por muitos outros. A um certo ponto, tal era o entorpecimento, que eu não sentia mais o prazer normalmente usufruído, pois, na realidade, praticamente já não era eu quem bebia. Hoje entendo. Eu era uma porta aberta à obsessão. Muitos espíritos viciados me acompanhavam, disputando terrivelmente por acoplarem-se a minha boca, a minha garganta, enfim ao meu corpo que, nos momentos de embriaguez, exalava fortemente os vapores do álcool.

Então, saí pelas ruas cambaleante pela última vez naquela vida. Após atravessar numa esquina mal iluminada, algo atingiu-me por trás violentamente. O mundo girou como um rodaminho enlouquecido, até que perdi a consciência. Depois do desenlace, permaneci numa espécie de sono pesado por longos anos no mundo espiritual.

Em seguida à fase de sono profundo pela qual passei, despertei novamente para a vida, num dia muito abençoado, nos braços de minha mãe. Fiquei sem compreender, por um grande tempo ainda, onde estava e o que a minha genitora, há muito falecida, fazia junto de mim.

A recuperação das minhas forças foi muito lenta, mas quando já estava forte o bastante e com lucidez maior, pude compreender o que me explicavam. Havia desencarnado. Chorei convulsivamente, não por ter morrido em si, mas por ter estragado a minha vida sem ter realizado nada de realmente útil. Eu queria ser médico, mas a fraqueza relativa ao vício não permitiu a conclusão dos estudos.

Hoje, trabalho exaustivamente pela libertação de irmãos, que seguem pelo mesmo caminho que trilhei. Tive a permissão do Alto para transmitir esta comunicação, a qual desejo que sirva de alerta para os que têm tendência a vícios de qualquer espécie. Não destruam uma oportunidade que muitos gostariam ter para evoluir na Terra, mas que poucos podem tentar, devido ao excesso de espíritos que existem para reencarnar. Além disso, hoje, os casais não querem mais formar famílias, por estarem mergulhados no prazer egoístico do sensualismo, ou desencorajados pelas dificuldades naturais da vida e pela violência que grassa pelo planeta.

A dependência de substâncias químicas nada mais é do que um reflexo da fragilidade espiritual humana, da falta de objetivos e de bons princípios ensinados e vivenciados pela família e pela sociedade. Ajudemos as almas perdidas em seus próprios desequilíbrios, pelo menos com o nosso bom exemplo. Que o Pai nos abençoe.

17/04/1995

Conversa com Deus

Senhor, há séculos caminhando de vida em vida eu Te busquei, mas sempre permiti que algo me desviasse de Tua senda. Enverguei o hábito de sacerdote em diversas religiões, mas, na realidade, ainda estava com um véu sobre a minha visão. Eu era um cego guiando cegos. Pequei contra Ti, Senhor, porque minhas palavras não tinham a força da Verdade. Elas não exalavam o perfume da Fé. Por isso, não fiz que aumentasse o Seu rebanho, pois só a palavra movida pela Fé traz o poder divino da transformação. Pai, Teu poder reside no Amor. Esta força maravilhosa eu não tive nas minhas andanças pelo mundo. Desta forma, falhei muitas vezes. Confesso que fiz uso do Teu Santo Nome em vão, amealhando recursos materiais indevidos. Fui desonesto. Quando tinha dificuldades, buscava o sustento usando a posição privilegiada de ser o Seu representante na Terra.

Após perambular de religião em religião, através de diferentes corpos, em diferentes países, renasci sem o dom da palavra e sem poder ver a luz do dia. Meus olhos eram capazes de verterem lágrimas, mas não de enxergar. Minha alma podia gritar, mas a boca não exprimia as angústias interiores. Obrigado por isto, Senhor! Esta situação propiciou-me a cura de que tanto estava carente. Foi nesta encarnação humilde que recuperei a minha integridade como Teu filho. Depois de vagar anos como pedinte, deixei o corpo denso em meio a dores atrozes, que promoveram um despertar profundo acerca da realidade permanente do espírito, fazendo-me desapegar das sensações da vida terrena.

Hoje, sou um espírito regenerado, mas a sede pela Tua luz somente cresce. Quero clamar aos quatro cantos do mundo a minha crença. Sinto que a minha palavra, agora, traz uma força poderosa de amor e de fé. Desejo renovar corações tão endurecidos como o meu outrora e ter a ventura de conduzir meus irmãos de caminhada, para a Tua luz bendita. Permita, Senhor, a concretização deste meu mais sincero objetivo.

Um irmão em Cristo

18/04/1995

Um Soldado Renovado

Salve Cristo! Benditos são aqueles que trabalham em Seu Nome! Estou aqui para deixar minha mensagem.

Num passado já distante, quando envergava o denso traje de matéria, não sabia qual destinação me reservava o futuro. Na vida além da morte eu nunca havia pensado. Naquele tempo, eu usava uma pesada armadura de guerra, tendo como inseparável companhia uma longa espada. Lutava sem preocupação de morrer. Simplesmente lutava. Causava inveja aos companheiros de batalha, pelo vigor com que me entregava tanto à tarefa de combater, como a de viver a vida. Trazia sempre alerta a espada afiada, que era tão cortante como as palavras que saíam de minha boca. Contudo, a robustez do corpo e a forte personalidade não protegeram-me da dureza da vida. Conheci a morte num dia infeliz.

Estava morto mas ainda vivia, agindo de conformidade com a minha vida terrena. Eu acreditava estar ainda usando um corpo de carne e osso, imaginando que apenas havia me ferido na última batalha. Na minha ótica, bastaria recuperar-me dos ferimentos, que desta vez pareciam ser um pouco mais graves, voltando a uma vida normal.

Encontrando pessoas conhecidas e novos amigos com idéias semelhantes as minhas, continuei a fazer as mesmas coisas de antes, após um período de recuperação. Comia, bebia, atacava e defendia. Porém, não entendia uma coisa. Às vezes encontrava-me com algum antigo companheiro e, ao tentar travar uma conversa, não recebia resposta. Quando retornava a certos lugares que havia freqüentado, muitos não me reconheciam. Esbravejei inúmeras vezes com colegas de estima, que não me davam atenção. Estaria eu ficando louco, ou os outros haviam ficado? Com este estado de espírito, num dia de maior turbulência interior, revi as cenas da batalha em que havia sofrido o grave ferimento. Parecia um sonho ruim. Vi o sangue jorrar e, cambaleante, caí. Na verdade, agora percebia que a minha cabeça havia sido esfacelada. Meu corpo no chão era pisoteado por homens e cavalos. Na seqüência, me vi sendo posto numa vala comum, juntamente com outros homens sem vida. Finalmente entendi, com grande terror, que havia morrido. Enjoei-me e desfaleci, voltando à consciência num local limpo, sob os cuidados de um venerando senhor. O bom homem explicou-me acerca da vida e da morte, instruindo-me sobre o renascimento na terra em um novo corpo, para continuar um processo de evolução rumo à perfeição do espírito. Ouvi verdades

completamente novas para mim, as quais jamais suspeitava existirem, percebendo quão estúpida havia sido minha última passagem pela Terra. Então, após um período de aprendizagens, armei-me de coragem e renasci.

Retornei em lar humilde e, ainda jovem, ingressei numa comunidade religiosa. Eu queria aprender as coisas do espírito. Nesta oportunidade, tive uma vida proveitosa, onde aprendi princípios básicos de ética e religião. A partir deste ponto, na minha escalada evolutiva, passei a desvencilhar-me das tribulações provocadas por estilos de vida primordialmente materialistas. Passei a caminhar com passos mais firmes em busca de mim mesmo, ou seja, da luz que habita o interior.

Hoje, sou grato ao Senhor por poder partilhar um pouco da minha experiência, com aqueles que estão no mundo apenas para pensar e sentir as coisas materiais, como eu no passado. Meus irmãos: busquem somente a essência das experiências na Terra, evitando todo o tipo de apego pelas pessoas e bens. Não vivam apenas para os sentidos, pois o destino que o Pai Maior nos oferece é infinitamente belo. Existimos para eternamente aprender e evoluir, e não para sermos escravos de coisas menores que a vida física pode nos fornecer. Fomos criados para um futuro muito mais brilhante, por isso evitemos ficarmos presos ao solo terrestre. Sejam sempre úteis, mesmo que ocupando uma posição bastante humilde, porque uma palavra de estímulo ou um sorriso muitas vezes são capazes de curar feridas profundas. Tenham fé no Amor e na Justiça perfeitos que provêm do Criador! Cada um de nós foi criado por Amor e para o Amor.

Otaviano

21/04/1995

O Debedador

Trago em minha mente espiritual a triste história da trajetória da minha alma, ao longo de várias encarnações, neste mundo.

Sempre fui questionador, mesmo tendo vestes rotas cobrindo o meu corpo. Minha face nunca inclinava-se para baixo. Olhava os opositores altivamente, independentemente de sua classe social. Tinha uma personalidade forte, não permitindo humilhações com a minha pessoa. Palavras que fizessem diminuir a minha importância não ficavam sem resposta. A dura guerra das palavras! Nunca fugi dela! Por ela perdi a vida várias vezes.

Quando vivi na França, também vim a desencarnar devido à troca de palavras ofensivas. Neste país, outrora havia grande diferença entre a riqueza dos nobres e a pobreza dos camponeses. Defendi os miseráveis e combati os donos do poder. Praticamente ensandeci por tanto debater-me em contendas. Não aceitava a vida com as suas aparentes injustiças sociais, pois desconhecia a lei universal de ação e reação. O povo era sofredor e eu incorporei a sua dor, morrendo por isto.

Percorri estranhos caminhos além-túmulo. Perturbado, busquei os companheiros de luta, mas não os encontrava. Alguns estranhos, com quem tentei confabular, não escutavam-me de forma alguma. Não sabia onde estava minha casa, nem meus familiares. Tinha uma extrema necessidade de conversar sobre os velhos assuntos da política, mas não tinha com quem fazê-lo.

Um dia, quando a angústia cresceu em meu peito, uma força estranha parecia me arrastar. Quando percebi, estava num lugar desconhecido, onde havia uma aglomeração humana. Reconheci antigos amigos de ideais e de infortúnio, há muito derrotados pelas garras do poder. Fiquei tão emocionado que não lembrei que eles já haviam morrido. Na realidade, o choque causado pela minha morte física turvou-me de tal forma o raciocínio, que eu não compreendia o meu novo estado. Então, passei a prestar vívida atenção no que era dito por um deles, mais afetado: – “Companheiros! Vamos às armas! Não podemos mais tolerar os impostos! Não aceitemos mais a tutela de homens vis, que usurpam a nossa liberdade de ação, o livre-pensamento...”.

Fui tomado por um êxtase. Ouvia exatamente o que queria. Isto é o que estava me faltando há muito tempo. Pedi a palavra e discurséi com toda a força do meu espírito.

Instiguei todos os presentes à guerra. Daríamos um basta à exploração do povo.

Recebi intensos aplausos, que encheram-me de satisfação. Aqueles velhos correligionários eram da mesma estirpe que eu. Contudo, a situação não se prolongou. Logo outro veio substituir-me como centralizador das atenções. Este discursou e combateu-me as idéias com veemência. Disse que não era com violência que se modificavam os problemas dos homens, concitando-nos a seguir ao Cristo, pois Ele sim é que revolucionou as relações de poder entre os seres humanos, mostrando o caminho para o alívio das dores físicas e sofrimentos morais.

Fiquei impressionado com a eloquência do contestante, que ao mesmo tempo transmitia uma serenidade profunda, confundindo a todos. Porém, resoluto, retomei a palavra: – “ Não! A miséria e a fome não se eliminam com sermões! A estrutura da sociedade é milenar e a exploração do homem pelo homem remonta à época das cavernas. Só pelas armas é que se pode modificar esta situação. Às armas!”

O outro discursador, que escutara com paciência, permaneceu em silêncio. De olhos cerrados, parecia concentrar-se em algo. Todos esperavam uma réplica e mantinham uma atenção fixa naquele homem de porte altivo. Então, após a longa expectativa, ele falou em tom pausado: – “Enquanto vocês buscarem a solução para as suas dores, culpando o vosso semelhante, não encontrareis o caminho da redenção. Enquanto enxergarem vossos irmãos como inimigos, estareis sempre em conflito. Enquanto acharem que só a si pertence a razão, sereis estéreis. Só aqueles que atravessarem a porta aberta pelo Cristo, é que alcançarão à Paz.”

Ao término de sua réplica, o homem transformara-se. A sua figura agora estava radiante de luz e, logo em seguida, tornou-se diáfana. Aos poucos o ser desaparecia diante dos nossos olhos atônitos. Com isso, uns fugiram apavorados e outros caíram de joelhos. Eu fiquei absolutamente paralisado por longos instantes. Uma comoção percorria o meu íntimo. Algo estava se transformando, barreiras quebravam-se, ilusões se desfaziam. Não queria modificar meus pontos de vista. Eu resistia vigorosamente. Lutei contra aquela força avassaladora por tempo indeterminado.

Caminhei pensativo buscando outra região. Queria fugir de mim mesmo, para evitar o inevitável. Não desejava mais a companhia daqueles velhos amigos, mas temia seguir por caminhos novos, até que, em determinado dia, cheguei a um extenso vale. Localizava-me na

parte mais baixa do mesmo e podia divisar enormes paredões escarpados à direita e à esquerda. Ali, só havia uma estrada a trilhar. Subi lentamente pois sentia-me cansado e com falta de ar. Atravessei espinheiros, feri meus pés em pedras pontiagudas, sentia tonteiras, fome e sede. Não sabia bem porque estava determinado a ultrapassar àquele obstáculo geográfico.

Quando atingi um platô elevado, já praticamente sem forças, surpreendi-me com a presença de alguns poucos amigos sinceros, de quem eu não me lembrava mais, pois pertenciam a vidas pretéritas, cuja minha memória espiritual não alcançava. Eles acolheram-me com carinho e levaram-me a uma bela cidade. Passei a residir na parte mais humilde desta aglomeração de espíritos, percebendo, no dia a dia, que nunca eu fora tão feliz como ali.

Após a minha recuperação total, recebi a triste notícia de que teria de reencarnar. Esta é a última oportunidade que tenho para dirigir minhas palavras aos homens, antes de envergar novamente um corpo de carne e osso. Agora que eu estou compreendendo melhor as Leis Maiores, senti uma grande necessidade de comunicar-me com o mundo terreno, para que a minha história possa ser útil. Não quero mais que minha voz traga a discórdia.

Meus caros irmãos, somos eternos! Não fujam da realidade do espírito. Não são apenas as pobres organizações materiais que existem. E elas são somente pálidos reflexos do que está nos planos espirituais. Nós somos pequenos viajantes num país de ilusões, que é a Terra. Não acreditem apenas no que os olhos materiais podem enxergar. Busquemos no estudo do espírito o caminho da verdade. Assim, nunca mais nos enganaremos com as falsas afirmativas e pontos de vista vaidosos e pessoais. Desejemos, enfim, a essência das coisas e dos seres.

Um amigo

26/04/1995

O Inglês

Nasci em terras européias, mais precisamente na Inglaterra. Lá conheci a amargura e a solidão. Rejeitado desde a infância, aprendi a não sonhar. Obter o pão de cada dia era toda a felicidade que poderia conseguir. Tive uma vida indisciplinada e livre. A única lei que conheci e respeitei foi a lei do mais forte. Tal como o abutre à espreita do alimento, eu vivia o dia a dia. A fome era a minha bússola.

Não questionava minha situação, pois já tendo nascido num ambiente miserável, não conhecia outra vida. Mais tarde, passei a observar as crianças abastadas, acompanhadas de suas mães, senhoras de fino trato. Também admirava os homens nobres, que se apresentavam sempre bem arrumados, ostentando uma riqueza inatingível. Desgostava profundamente do inverno, pois o frio era intenso. Resistia às custas de cobertores que roubava, ou que conseguia trocando por pequenos serviços prestados. Cresci de forma vil e ultrajante, sendo repudiado por comerciantes e mal visto pelas pessoas que passavam nas ruas. Praticava pequenos furtos para sobreviver ou mendigava.

Quando atingi a maioridade, fui recolhido à prisão por meus desvios de conduta. Então, degenerei mais rapidamente. O frio das celas e o gelo dos corações dos guardas faziam piorar meu estado de espírito. Não havia solidariedade alguma. A dor e o sofrimento constantes provocaram uma revolta íntima. Comecei a indagar porque a minha vida era tão difícil. Esta miserável pergunta multiplicou a insatisfação com tudo. Passando a questionar, perdi a defesa natural da inocência e comecei a desejar vingança. Os outros deveriam conhecer o meu sofrer. Não ficaria mais calado, eu revidaria.

Após cumprir a minha pena, voltei a caminhar a esmo pelas ruas. Desta feita, as delinqüências que cometia tornaram-se mais graves. Assaltava com estiletos ou facas e intimidava jovens, mulheres e viajantes. Tornei-me um marginal consumado.

Numa noite de nevoeiro, comum em Londres, encontrava-me à espreita de uma nova vítima. Deparei-me com um homem obeso que caminhava lentamente sob a friagem, à distância. Aguardei nas sombras como o lobo espera a presa se aproximar. Surgi da escuridão, despejando várias estocadas no infeliz homem. Queria roubá-lo, mas o sangue que eu nunca havia derramado aterrorizou-me. Corri o quanto pude, desesperado pelo atentado cometido num momento de insânia. Somente quando me faltaram as forças por completo, eu parei. Nos

dias seguintes, perambulei atormentado pela imagem sangrenta, que martelava a minha mente sem parar.

Após um curto período em que me desequilibrei por completo, dirigi-me ao rio Tâmis. Do alto da ponte que o atravessa, vislumbrei as águas que refletiam um céu cinzento. Comecei a chorar. Pensei o quanto eu era um ser miserável e, desta forma, quis punir-me com a morte, acreditando que tudo se extinguiria para sempre. Então, mergulhei e logo bati com a cabeça em algo sólido, mas não perdi os sentidos de imediato, sentindo a água invadir os meus pulmões. Amarga ilusão! A morte veio rapidamente, mas eu continuava vivo em espírito, não percebendo que havia perdido o corpo físico. Na minha mente, as sensações da pancada na cabeça, do sangue a jorrar e do afogamento perduravam. A seqüência da cena do suicídio repetia-se incessantemente. Eu era um pesadelo vivo. Por que não morria de vez?

Num estado de sofrimento muito pior que o de antes, permaneci por longos anos. Não havia meio de parar o processo. A ânsia pelo ar e a dor da ferida aberta eram minhas companheiras inseparáveis. Mas, em um momento de lucidez, clamei pela ajuda divina. Lembrei-me de Deus porque usava seu Santo Nome para pedir esmolas quando fora mendigo, antes de me tornar um bandido. Não sabia ao certo se Deus existia, porém a quem recorreria? Tive uma grande surpresa ao ser retirado das águas por mãos generosas, em meio a minha dolorosa aflição. Emocionado e esgotado, deixei-me invadir por um intenso torpor, vindo a desfalecer.

Fiquei por muito tempo num hospital espiritual, recebendo tratamento. Eu tinha muitas crises no princípio, ainda rememorando o suicídio, mas também lembrando o assassinato que cometera. Não tinha muitas esperanças de alcançar o equilíbrio, pois apesar da pequena melhora inicial, estava já estagnado por longo período. Assim, mergulhei de volta à matéria densa, renascendo no Brasil, à busca de lenitivo e regeneração.

Obtive um corpo defeituoso, mas que me foi muito útil para esquecer o passado tenebroso. Minha nova vida foi relativamente curta e sofrida, mas durou o necessário para que eu me reequilibrasse.

Hoje, permaneço à espera de melhor chance na Terra, a fim de desenvolver sentimentos mais nobres e, de fato, evoluir. Já fui informado que quando reencarnar novamente, terei que resgatar o assassinato que cometi. Provavelmente terei uma morte abrupta, não sei se da mesma forma que provoquei. Porém, estou consciente da lei de causa e

efeito e aceitarei o que Deus me reservar. Tenho conhecimento de que a família que albergará meu espírito é modesta, mas de bons princípios, e me facultará a oportunidade de estudar e ter uma profissão. Agora compreendo as causas das minhas duras provações no passado e pretendo, de forma mais resoluta, cumprir as metas traçadas a fim de melhorar-me.

Jordão

26/04/1995

Caminho para Deus

Glória ao Pai pelo dia de hoje. Bendito sejas Senhor Jesus, por permitir minha humilde comunicação.

Em épocas passadas, sofri amargas desilusões quando caminhei pela Terra. Somente desejei as conquistas guerreiras pelo mundo, mas sucessivos bloqueios fizeram-se presentes contra meus intentos. Guerreiro de espírito mordaz, eu era a personificação do deus Marte. Amava a batalha e o espírito belicoso estava sempre pronto para dar vazão a sentimentos hostis.

Quando enverguei um alto posto de chefia de um grande exército na Antiga Grécia, almejávamos, primeiramente, conquistar cidades próximas a minha Esparta. Dominamos populações de menor vigor, mas de grande cultura. Estas populações, não vergando-se totalmente sob a força da espada, trataram de influenciar-nos pela cultura. Assim, os domínios conquistados logo passaram da submissão completa à colaboração para a manutenção do império. Era apenas ilusão querer subjugar, completamente, espíritos que eram livres por natureza.

Um dia, encontramos-nos com tribos de origem persa. Estes homens, com outro tipo de índole, eram adversários mais difíceis de combater. Davam-me prazer as batalhas travadas com eles. Porém, fui ferido mortalmente em determinada oportunidade. Por consequência, encontrei-me com a morte, a suprema realidade. Desnudado em meus receios e fraquezas, caminhei necessitando de ajuda para meus ferimentos que não cessavam de sangrar. Hordas de soldados enlouquecidos exigiam-me ordens e conduta de comando, como chefe militar que era. Reapromei-me como pude e arrebanhei, a muito custo, homens em estado não tão ruim. Planejava um período de breve recuperação, para organizar um contra-ataque aos persas, que haviam vencido a última batalha. Não entendia que a morte havia me atingido. Permanecemos longos anos desta forma, digladiando contra os nossos inimigos, também desencarnados e semi-enlouquecidos como nós. Lutávamos até a exaustão para, depois, retornarmos à carga contra os adversários, num círculo vicioso terrível.

Após longo tempo, cansado demais, resolvi buscar o diálogo com o chefe inimigo. Ele, para minha surpresa, havia tido a mesma idéia. Acordo feito, buscamos todos retornarmos para as nossas respectivas terras. Qual não foi o meu espanto quando, atingindo Atenas e

outras cidades gregas, bem como a minha adorada Esparta, ninguém nos reconhecia ou parecia enxergar. Onde as honras militares? Onde o respeito das cidades gregas menores? Pensei que havia perdido a razão. Então, um luminar de nosso país, de repente apareceu à frente de meu exército combalido e discursou. Belas palavras tocaram nosso íntimo e entendemos que não mais estávamos entre os vivos. Mudos pela surpresa, recapitulamos vários momentos de nossa vida terrena. Em seguida, entramos em forte torpor que nos tirou a consciência.

Reencarnamos todos, como um grupo que éramos, em terras banhadas pelo sol do deserto. Dura vida se nos descortinou. O ambiente hostil favoreceu-nos a índole guerreira e novamente vivemos uma vida baseada na espada. Nômades, caminhamos a esmo em busca de conquistas e riquezas. Algo em mim, porém, bradava interiormente. Onde eu chegaria? Não haveria um oásis onde pudesse descansar? Água fresca para dessedentar o espírito? Sim, eu necessitava de algo mais que aquela vida sem rumo e sem finalidade. Assim, atingi a maturidade e novamente conheci o vale das sombras, vitimado por uma moléstia devida à insalubridade. Cheguei ao outro lado da vida e, amargurado, continuei à busca de um oásis. Minha alma era um deserto. Nada havia senão sangue e dor. Não desejava mais tão dura forma de vida e queria paz. O Senhor, dono dos destinos humanos, atendendo aos meus anseios, concedeu-me nova oportunidade na Terra.

Renasci sob papel diverso daquele que tinha representado no passado. Era, agora, um pobre enjeitado que se fez mendigo. O valente guerreiro estava sendo obrigado a humilhar-se para sobreviver. Nasci com as mãos tortas para não mais empunhar a espada. Estas mãos, agora frágeis e sem bom movimento, só podiam aceitar esmolas. Dura vida tive novamente, porém não mais manchada com o sangue do próximo. Desencarnei em idade avançada, após difíceis provações e sob o guante de doença perniciosa, que me fez ser rejeitado pela sociedade. Morri só, mas, ao despertar do outro lado, minhas mãos estavam perfeitas e meu corpo não apresentava as manchas e deformidades típicas da lepra. Fui recebido por luminoso espírito, que deu-me a mensagem de que estava mais purificado. Eu poderia, após estágio de descanso e aprendizado, retornar à Terra com a missão do sacerdócio. Pela primeira vez, desde tenra idade no mundo material, receberia instrução religiosa adequada. Rejubilei-me com a chance e desejei ardentemente absorver a idéia de Deus em mim. A busca interior delineava-se, agora, com maior clareza. O que antes era indefinível, naquele momento

tomava corpo e conteúdo.

Voltei ao plano terreno em localidade cristã, onde, abandonado pelos pais, fui recolhido a mosteiro afastado da área urbana. Na vida agreste e dura, mas saudável, aprendi a orar e a olhar para o céu com a esperança do paraíso celeste. A vida à minha volta era simples e o céu era o meu estímulo e objetivo maior. Almejei à santificação, mas, nos dias que iam, a guerra ainda era irmã do homem. E ela bateu à porta da minha vida, exigindo-me o corpo de carne. Morri pela espada e não acordei no céu. Contudo, fui amparado por um seu enviado. Com ele recapitulei vidas passadas e, assim, adquiri compreensão maior sobre a vida, a morte e o caminho evolutivo da alma para Deus.

Recebi nova oportunidade, renascendo novamente num meio que propiciou-me o sacerdócio. Desta feita, pude concluir minha tarefa integralmente, tendo êxito, apesar das limitações do pensamento reinante na época, podendo realizar um vôo maior em direção ao Pai. Hoje, regenerado e em busca de nova oportunidade de experiências edificantes na Terra, rogo a Deus que a Sua Luz uma vez mais possa me inspirar. Que as duras provas do passado não mais sejam necessárias para o burilamento do meu espírito. Espero, agora, com novas convicções na alma, viver uma encarnação plena e consciente.

Otávio

3/5/1995

O Escravo

Gostaria de deixar uma mensagem aos homens do mundo, onde vivi, outrora, sob difíceis condições. Carreguei um pesado fardo, o qual hoje bendigo, que limitou a minha ânsia de poder e de prazeres fugazes.

Fui escravo nos trópicos, mais precisamente em terras brasileiras. Sob a veste física negra, segui vivo por longos 70 anos, quando, chegar até esta idade, era algo raro.

Trabalhei em canaviais, cujas moendas eram movidas pela força do gado. O caldo da cana era transformado no açúcar, que era o ouro da então província portuguesa. Permaneci por longo tempo lavrando a terra fértil, a regá-la com o meu suor.

Dura disciplina marcou a minha vida, que resumia-se a despertar do sono para trabalhar, alimentar-me mal e dormir poucas horas, para, em seguida, tornar ao trabalho. A senzala apresentava péssimas condições de higiene e suas acomodações para o repouso eram desprezíveis. Por tudo isso, o ódio era sentimento comum, que mantinha-se contido pelas próprias limitações a que estávamos submetidos. Qualquer palavra ou movimento que denunciasse a insatisfação que ia no nosso íntimo, resultava em castigo imediato, quase sempre através da chibata e do pelourinho.

Desta forma, minha mocidade se esvaiu e, junto com ela, as boas lembranças da terra natal, na mãe África, donde fui levado quando criança ainda. Parentes meus, como pai e mãe, há muito perdera, pois a expectativa de vida naquela época era de 30 a 40 anos no máximo, normalmente. Eu, já estando nesta faixa etária, não esperava mais nada da vida. Acolhia a idéia da morte com certa alegria, porque, intuitivamente, percebia que ela consistia numa espécie de libertação. Além disso, o meu povo de origem acreditava que os espíritos dos ancestrais falecidos, ainda vivessem numa outra forma, a espreitar seus descendentes sobre a terra. Portanto, eu concluía que estava prestes a me juntar à legião de espíritos que me antecederam na morte física.

Contudo, a minha vida material prolongou-se além do esperado. Até mesmo o senhor do engenho que me viu chegar àquelas plagas, já havia deixado o mundo. Assim, não fui mais aproveitado nos trabalhos sob o sol, permanecendo na senzala, prestando serviços menores aos escravos mais jovens, ou, ainda, realizando pequenas benfeitorias na casa-grande.

Eu era tido como um negro bondoso, mas, na verdade, era apenas um ser resignado. Fazia as coisas com serenidade porque tinha a esperança de ser feliz no mundo dos espíritos, o que era corroborado por uma sensibilidade especial que desenvolvera na maturidade. Esta sensibilidade me permitia vislumbrar o outro lado da vida, enxergando antigos companheiros de lida, já falecidos, a sorrir-me ou simplesmente a fitar-me.

Quando a morte veio recolher-me ao seu regaço, fui em paz, mas surpreendi-me com tanta festa que fizeram a minha humilde pessoa, no plano espiritual. Fiquei sabendo que em outra época eu havia sido escravagista, quando apresentava-me num corpo de pele branca e traços faciais aquilinos. Pude rememorar que havia sido frio como um abutre e esperto como uma serpente. Barganhava seres humanos como se fossem simples peças de comércio. Nada valiam além do que algumas moedas de cobre, prata ou ouro. Separei famílias e destruí vidas para usufruir de um bem estar que foi passageiro e ilusório, pois minha vida acabou sendo ceifada por um infeliz escravo, que tentava fugir de minha propriedade.

Naquela oportunidade, revoltei-me pelo desencarne, para mim prematuro. Por isso, não absorvi praticamente nada da lição que me era dada pelas forças superiores. Assim, necessitei voltar como escravo, sob condições muito difíceis, para compreender o que é ter a sua vida dirigida por vontade alheia. Sofri, mas agora estava recebendo a dor de forma diferente. A revolta perdeu a força em meu coração e a longa estadia na Terra permitiu-me refletir e solidarizar-me com meus irmãos de jornada e de infortúnio.

Por isso, hoje, agradeço ao Pai a grande oportunidade que tive de evoluir espiritualmente, ao ter minha liberdade tolhida. Ainda envergo no espaço astral a roupagem negra, que muito respeito e estimo como símbolo da minha libertação espiritual. Espero, em Cristo, que meu relato seja útil aos irmãos do plano físico e despeço-me deixando os melhores votos de boa sorte.

Rubem

03/05/1995

O Rei

Retorno hoje à Terra com grande satisfação e com o coração aberto para servir aos irmãos do caminho, através de uma experiência de vida que tive no passado.

Em tempos idos, estive presente no mundo físico com o nome de conhecido rei. Como não compreendia as necessidades do próximo, não dava importância a queixas e lamúrias diversas, que chegavam até a mim. Levava uma vida extremamente luxuosa e tinha tropas e guardas pessoais à disposição, para protegerem-me de quaisquer contrariedades. Não concebia perdoar e, muito menos, auxiliar a alguém que não pudesse me propiciar um retorno, seja político ou monetário. Muitas mulheres de grande beleza estavam sempre a minha volta, prontas a atenderem-me ao menor anseio.

Atingi idade madura já entediado da hipocrisia dos homens e da bajulação excessiva. Em verdade, eu era um escravo da aristocracia da época. Era manipulado pelos homens de maior influência daquela sociedade. Apercebendo-me disso, resolvi dificultar toda e qualquer facilidades, com as quais as classes dominantes estavam acostumadas. Editei leis e modifiquei normas centenárias. Queria afrontar aos ímpios e aos falsos. Contudo, meus sentimentos não eram o que se pode chamar de “ideais nobres”. Apenas constituíam uma reação contra uma subjugação sutil a qual era submetido. Então, passei a ser vítima de armadilhas e desassossegos constantes, até que encontrei a morte através de um envenenamento bem acobertado, de forma que a população não pudesse se aperceber da verdade dos fatos. Acreditou-se que tive morte natural fulminante, de origem desconhecida. Não cogitaram envenenamento ou usurpação de poder.

Assim, fui posto no túmulo e rapidamente esquecido. Não encontrei serviçais ou regalias no além-vida. Não mais cantos, festas e acepipes. Somente a morte fria e úmida me esperava. Longo tempo passei, debatendo-me à busca de solução para as dores atrozes nas vísceras, corroídas pelo veneno. Minha garganta seca implorava por água. Que triste fim que não terminava!

Após este período, lamúrias passaram a chegar aos meus ouvidos. Gritos de dor repulsivos clamavam justiça ao rei. Não podia entender bem o que havia. Meus guardas não estavam lá para afastar os desgraçados pedintes. Pude mesmo reconhecer alguns antigos milicianos que, agora, lançavam-se contra mim sarcásticos. Orei! Sim, orei fervorosamente

pela primeira vez, considerando tanto o período de minha vida material, como o tempo após o meu desenlace. E meus apelos atingiram ouvidos piedosos, que, prestos, vieram recolher-me a uma casa de caridade.

Eu tinha vestes em frangalhos e pés descalços. Não reconheceram-me como rei que havia sido, mas tratavam-me como irmão em Cristo. Para mim era completamente novo sentir-me entre pessoas realmente amigas. Não existia, naquele lugar humilde e asseado, a hipocrisia dos pomposos aposentos reais e dos salões de festas da nobreza. Atentei para o fato de que sabiam o meu nome, mas não me chamavam pelo título que tivera no mundo. De início, pensei em reclamar a minha posição, mas o meu coração fez com que a minha boca calasse. Estava sendo socorrido por almas caridosas e isso devia me bastar. Esta foi a grande lição a qual não me esqueci após tanto tempo: a humildade sempre encontra guarida por parte de Deus.

Espero que a minha história contribua para abrandar os corações endurecidos, das pessoas que caminham neste planeta ainda tão cheio de dores. Que os irmãos encarnados possam se lembrar de mim quando o orgulho assomar em vossos sentimentos, ou quando a vaidade quiser sobrepujar a humildade. Na Terra fui um dia exaltado, mas no espaço sofri humilhação para alcançar a Verdade. Por isso, bendigo o abandono e as dores as quais fui submetido, pois, desta forma, meu orgulhoso espírito se dobrou às necessidades de evolução.

08/05/1995

O Escravo da Ilha

Gostaria de deixar uma mensagem para os irmãos terrícolas. Meu exemplo foi o da dor, mas encontrei-me com a Verdade Maior. Sou, hoje, um espírito em vias de regeneração e busco minha libertação com tenacidade, porque agora reconheço o caminho que conduz à paz.

Em épocas remotas, enverguei trajes guerreiros. Lutava, combatia com ardor, mas sem uma direção definida de vida. Apenas vivia ao sabor das conquistas e dos prazeres do mundo. Tinha eu um grande domínio em terras e a expansão delas era praticamente meu único objetivo. Mas, os tempos passaram e tornei-me um velho para os padrões vigentes. A morte então veio me levar, e não tinha eu bons valores para pesar na balança da Justiça de Deus.

Mais à frente, voltei ao mundo físico em condições miseráveis, vindo a me tornar um reles escravo. Trabalhava sob dura disciplina, não havendo momento certo para descanso. Normalmente, apenas algumas horas de sono nos eram permitidas. Refiro-me às galeras romanas. Era eu um pobre remador, que passava seus dias sob ferros.

Em certa oportunidade, uma borrasca mais forte veio a ocorrer, e o navio onde prestava serviço foi a pique. Salvei-me por milagre, pois minhas correntes, já gastas, se partiram quando grossa acha de madeira tombou sobre elas, enquanto o navio soçobrava. Nadei com dificuldade até encontrar uma espécie de tonel, onde segurei-me. Muitos homens, fortes e sadios, vi morrerem pelas águas. Outros, muito feridos, não puderam suportar. Somente eu e um humilde empregado livre da embarcação sobrevivemos, pois conseguimos chegar a uma ilha, perto da qual naufragáramos.

Durante anos vivi com as argolas de ferro em meus membros. Delas não pude eu me livrar. Parecia que ficavam lá para lembrarem-me da minha miserável condição. Não poderia, sequer, ser resgatado por alguma embarcação, pois que seria recolhido como escravo novamente. Assim, tive que escolher viver no isolamento. Era livre agora, mas estava só, porque meu companheiro de infortúnio rapidamente partiu em busca da civilização. Neste estado, vivi às custas de escassos recursos de alimentação e moradia. Porém, pude meditar sobre a vida, tendo como companhia os animais e o vento incessante que vinha do mar. Estes não falavam comigo e até sentia que me rejeitavam de certa forma. Então, aprendi a perscrutar minha alma e a entender meus sentimentos. Adquiri compaixão pelos seres viventes. Como era só, aprendi a valorizar toda forma de vida. A natureza bravia ensinou-me a ser humilde.

Após muito tempo nesta situação, volvi meus olhos para o céu pela última vez, deixando o corpo de carne.

Liberto, atingi estância de rara beleza, mas seus portões estavam fechados. O porteiro, poderoso romano em sua resplendente armadura, barrou-me a passagem, indagando: “– Alto lá! O que queres aqui?” Respondi: “– Sou apenas um escravo e quero voltar a trabalhar.” Em meu íntimo desejava voltar a ter contato com as pessoas, mesmo que isto custasse a minha liberdade novamente. Então, o imponente homem analisou-me por uns instantes, mandando-me esperar. Após algum tempo, belo homem de alvas roupagens veio atender-me. Seus cabelos brancos indicavam que deveria ter larga experiência de vida. Ele disse-me que poderia entrar e que as argolas que demarcavam a minha condição de escravo seriam retiradas, já que naquele lugar só eram aceitos homens livres para o trabalho. Estremeci de alegria, pois não esperava tão grande sorte, aceitando prontamente a oferta.

Uma vez sendo incorporado à bela cidade espiritual, recebi a humilde incumbência da enfermagem. Tratava das feridas, das chagas daqueles que desencarnavam, principalmente em campos de batalha, mas que tinham mérito de serem acolhidos pelos espíritos de luz. Depois de longos anos de trabalho árduo, desenvolvi uma compaixão e solidariedade mais profundos com relação àqueles que sofrem. Pude perceber, que a solidão pela qual passei na ilha enquanto encarnado, mais a possibilidade de auxiliar meus antigos algozes romanos em plena espiritualidade, confraternizando-me com eles, era um sublime aprendizado de Amor ao próximo que eu recebia. Ou seja, a aspereza daquela minha vida material foi o remédio amargo que contribuiu decisivamente para a cura de meu espírito. Eu soube sorvê-lo sem revolta, alcançando minha liberdade com relação ao desejo de conquistas, e transformando a frieza do meu coração em receptividade para com o sofrimento alheio.

Mais à frente, reencarnei muitas vezes, podendo testar-me mais quanto às qualidades espirituais. Falhei em algumas oportunidades, melhorei-me em outras, mas não posso esquecer-me da já remota experiência que tive naquela ilha. Aquela encarnação está bastante viva em minha alma, pois foi o momento do meu despertar como ser humano e como filho de Deus.

Simão

09/05/1995

Busca pelo Perdão

Mestre Jesus, perdoa-nos porque tantas vezes não sabíamos o que fazíamos.

Meu relato é o da dor de quem já perdoou, mas que ainda sofre por consequência de erros passados. Numa época que desejo esquecer, tive momentos de felicidade em localidade próspera, não atinando com o infortúnio que me rondava as portas.

Uma doce ilusão de felicidade embalava meus dias, quando, num dia triste, descobri que era portador de perniciososa doença. Com o tempo, passei a amargar dores físicas atrozes, porém as dores morais foram maiores ainda, não cicatrizando perfeitamente após tanto tempo. Abandonado por esposa e filhas, fiquei completamente só. Não compreendi tal atitude por parte de criaturas tão amadas e protegidas por mim. Permaneci longo tempo em penúria, com a morte a perscrutar-me os passos, até que, enfim, recebi a liberdade.

Saí de meu corpo, transformado em catre mal cheiroso, para uma luz suave. Era a luz dos justos, pois estava debitando uma dívida milenar, que contraíra em encarnação remota para com aqueles seres que me abandonaram. Elas, infelizes, não souberam perdoar-me, deixando-me entregue à própria sorte. O dever delas era amparar-me, pois também guardavam culpas pretéritas para com o meu espírito. Éramos, pois, um grupo de almas com pesadas dívidas entre si. Naquela oportunidade, o que eu devia a elas, quitei com mérito. Aprendi a amá-las e respeitá-las, mas não recebi de volta o mesmo sentimento que nutria.

Naquela vida, aos primeiros sinais da doença que me atingia, a lepra, fui enxotado como a um cão. Elas, percebendo que eu não me afastava muito de nossa morada, desesperaram-se e fugiram para longe, fazendo com que eu as perdesse de vista. Só e com a doença a carcomer minhas entranhas, fui repudiado por toda a comunidade. Então, afastei-me para as montanhas, onde desencarnei solitariamente.

Quando de posse de minhas plenas faculdades espirituais, compreendi a tudo. Penalizei-me profundamente das criaturas que eram objeto do meu amor e que tinham a missão de amparar-me até o fim. Pobres almas ainda tão apegadas aos bens do mundo! Eu nada exigiria delas. Apenas satisfazia-me em contemplá-las a certa distância, porém o horror e a repugnância que a doença causava, fez com que elas fugissem. Caminharam sobre o mundo com a consciência a acusá-las. Por fim, passaram a odiar-me, pois a imagem do homem já velho, com as lesões da lepra, as perseguia em suas mentes.

Aquela vida seria a coroação de um processo cármico-evolutivo para o nosso grupo, contudo a minha então esposa e filhas ainda não haviam me perdoado de verdade. Por isso, não levaram a bom termo suas missões na época. Hoje, estas personagens ainda me buscam em seus inconscientes. Algumas estão reencarnadas, outras permanecem no plano astral sofrendo pelo remorso à busca do meu perdão. Não sabem elas, que há muito as perdoei e velo com carinho os seus passos. Porém, aos culpados a Lei não permite que enxerguem a verdade, enquanto a própria consciência grita em reprovação. Que o Auxílio Divino desfaça o véu que lhes encobre os corações, permitindo que elas encontrem a paz.

Galileo

10/05/1995

O Nobre

Querido amigo, obrigado por ceder o seu braço para que me comunique com os irmãos do plano físico.

Sou um viajante cansado pelas inúmeras peregrinações terrenas. Muitas vidas vivi e sofri, aprendendo aos poucos a arte da convivência pacífica. Em passado distante andei por trilhas espinhosas, cometendo excessos que ainda hoje provocam-me arrependimentos. Contudo, estas experiências foram válidas, porque só conhece o caminho correto aquele que prova o fel das contrariedades. Tenciono que os irmãos da Terra aproveitem para meditar, sobre uma parte de minha senda evolutiva, que vou narrar.

Numa de minhas passagens terrenas mais marcantes, provoquei a vergonha de meus iguais, por amar a uma criatura que julgavam pertencer a uma classe inferior. Meus familiares mostraram-se totalmente contra a minha aproximação de humilde moça, trabalhadora braçal em nossa rica casa. Ainda como hoje, o preconceito era comum em toda a parte, naquela época.

A jovem que me encantou tinha olhos da cor do céu, com longos cabelos cacheados, emoldurando uma face rosada. Parecia um anjo. Eu era um moço fegoso de modos impulsivos e me deixei apaixonar por ela arrebatadoramente. Atirei-me no objetivo de conquistá-la, ocultamente, até que cedesse as minhas investidas. Pouco tempo depois, ela ficou grávida.

Olhares acusatórios lançaram-se sobre mim, e para desgraça maior da bela moça, eu reneguei a paternidade, embora gostasse dela. Lembro-me ainda hoje, com tristeza, a expressão de espanto em seu rosto a fitar-me, diante da minha negativa. Eu era fraco para lutar contra a ordem natural das coisas naqueles tempos e, covardemente, permiti que a expulsassem de nossa casa. Era costume antigo repudiar mulheres grávidas que não tivessem esposo.

Senti remorsos por um tempo, mas, leviano, terminei por esquecer o fato, abafando repetidamente as lembranças que queriam vir à tona. Não tive coragem nem para ajudá-la às escondidas, deixando-a sofrer as mais diversas intempéries da vida e da sociedade cruel, até que a perdi de vista.

Por longas décadas apenas recordava vagamente aquela doce figura, tão bela quanto indefesa. Então, meus cabelos encaneceram, mas uma imagem fugidia da moça ainda

persistia. Anos mais tarde, tornei-me um velho.

Num dia que não posso esquecer, bateu à minha porta uma senhora. Seus olhos já os conhecia, embora não conseguisse fixar a quem pertencessem. Seus lábios finos e os cabelos cacheados não me eram estranhos. Era bela, apesar da idade avançada, e fitava-me sem emitir nenhuma palavra. Eu estava atônito, pois começava a perceber quem era. Sim! A jovem de quem eu me enamorara em tempos idos.

Não sabendo o que fazer, pedi-lhe que entrasse e tomasse assento em confortável poltrona da rica sala adornada. Seus olhos pregados nos meus, falavam por si só. Não havia acusação neles, apenas uma melancolia sem fim. Após instantes angustiantes, perguntei-lhe o que desejava. O silêncio perdurou ainda, perturbando-me sobremaneira, até que, por fim, seus lábios mexeram-se. Contudo, o som da sua voz não se fez ouvir. Estava muda em decorrência da emoção. Lágrimas começaram a correr pelos seus olhos e isto já valia, para mim, como mais que mil palavras. Enquanto isso, um aperto em meu coração aumentava, até chegar ao ponto em que eu não podia mais respirar. Então, desfaleci. Não despertaria mais naquele corpo físico. A grande transformação chamada morte havia se dado.

Do outro lado da vida, ouvia acusações constantes. A minha consciência bradava resoluta contra meus erros. Permaneci longos anos num estado de desequilíbrio, causado pelo remorso que explodia em minha alma. Somente após passar por um grande desgaste, uma alma bondosa pôde acolher-me sob sua tutela. Ela explicou-me que, apesar de eu ser um devedor renitente, o Pai Maior sempre nos dá novas oportunidades.

À princípio, não compreendi bem do que se tratava, mas, após alguns esclarecimentos, entendi que as portas da reencarnação abririam-se para mim. Só então, apercebi-me que dura missão havia por realizar, pois seria pai de muitas crianças e estava fadado ao abandono por parte da mãe dos meus filhos. Ficaria com a responsabilidade quase total pela criação e educação dos pequenos.

Atendi contrito a minha boa alma guia, apesar de receoso, já que sabia serem escassas a determinação necessária e a disciplina para suportar as rígidas condições monetárias, sob as quais renasceria. Com este estado de espírito lancei-me à nova experiência.

Em singela casa renasci. Minha mãe era pessoa sofrida e marido não tinha mais. Cresci, observando-a labutar com extrema dificuldade na manutenção de seus filhos. Portanto, tive um bom exemplo desde a infância, aprendendo a trabalhar duramente para auxiliar a

todos.

Atingindo a maioridade, conheci moça leviana com a qual me uni prematuramente, trazendo mais uma vida ao mundo. A jovem tinha um espírito aventureiro, constantemente sumindo de casa, para depois retornar sempre maltrapilha e necessitada de cuidados. Eu, como tinha a consciência pesada em relação ao meu passado espiritual, estava mais humilde, acolhendo-a de volta todas as vezes.

Com o passar dos anos, a pobre criatura deu-me mais três filhos, partindo em seguida para não mais retornar. Trabalhando sob duras provações, fui vencendo obstáculos até que cumpri a minha obrigação de pai, transformando as crianças em pessoas adultas de bem. Curvado pela idade e algumas mazelas físicas, desencarnei sob o carinho dos quatro entes que criei, deixando saudades na Terra. Uma vez no plano espiritual, o meu passado foi esclarecido devidamente. A minha bela alma guia tornou a me acolher, desta feita com uma ternura ainda maior, pois eu havia resgatado com louvor as faltas pretéritas, e também conduzido corretamente a educação de quatro seres humanos no mundo. Descobri que a infeliz mulher que me havia sido esposa e mãe de meus filhos nesta última vida material, estava vagando em planos inferiores, mergulhada nas trevas da sua própria consciência, há alguns anos. Penalizei-me dela, a quem eu nunca cheguei realmente a odiar. Para meu espanto, soube que ela houvera sido a filha que não assumi na minha penúltima existência terrena, quando abandonei levianamente sua mãe, a jovem com os olhos da cor do céu.

Hoje, compreendo o quanto são intrincadas as situações que provocamos com atitudes desvairadas. A impunidade não existe e os resultados negativos de nossos erros sempre retornam a nós, no tempo devido. Espero que a lição pela qual passei seja útil para quem vir a ler esta mensagem, principalmente àqueles que caminham na Terra encastelados dentro do próprio egoísmo, enceguecidos pelas sensações, e escravizados pelo ócio.

A humildade é a fonte da vitória sobre os instintos grosseiros, porém muitas vezes são necessárias duras provações até que sejamos humildes. Esforcem-se para desenvolver esta virtude, evitando todo mau proceder, pois assim se preservarão das fortes algemas que nos prendem à dor, resultante da Lei de Ação e Reação. Enquanto à retaguarda estiverem seres nos cobrando justiça, não seremos livres para evoluir para o infinito Amor de Deus.

21/05/1995

Visita à Terra

Meu Deus! Estou na Terra novamente! Com grande emoção retorno ao plano físico e desejo deixar uma mensagem.

Anteriormente tive muita vontade de visitar aos amigos que ficaram, mas fui impedido pelas necessidades de evolução. Após a desintegração do meu corpo material, recobrei aos poucos a memória de antigas vidas, percebendo que o meu apego excessivo aos bens terrenos fora motivo de derrota várias vezes. Diante dos fatos evidentes que lembrava, deixei um pouco de lado o desejo de voltar ao mundo, mas, hoje, tenho equilíbrio e mérito para encontrar-me com pessoas muito estimadas que ainda estão na carne, parentes queridos e alguns irmãos a quem devo desculpas. Aproveito este momento, para agradecer ao instrutor espiritual que me tutela, pela oportunidade de aprendizado da comunicação através da escrita mediúnica.

Atualmente, estou bastante afinizado com o campo vibratório da cidade que habito no plano do espírito. Assim, noto claramente que a Terra é ambiente deveras pesado. Logo após o meu trespasse, eu estava ainda intensamente preso à esfera física, não percebendo o quanto as sensações materiais me eram familiares. Neste instante em que me comunico, em plena crosta terrestre, sinto-me como se vestisse uma roupagem blindada. Em cada lugar percorrido, ouço pedidos de ajuda. Apelos de toda espécie e gemidos são constantes, bem como algazarras as mais variadas.

Meus irmãos, não podem acreditar no quanto a paz e a harmonia interiores são fundamentais para a manutenção do equilíbrio das criaturas de Deus. Despeço-me desejando que o Amor incondicional do Pai possa se tornar tão material quanto o possível no plano físico. Que Deus abençoe a todos.

Josias

18/07/1998

ESPÍRITOS SUPERIORES

A Força do Perdão

Santo és Senhor! Santo és pelos Teus ensinamentos e Tuas ações de Amor! Numa de minhas caminhadas pela Terra, há 2.000 anos, não enxergava com clareza a sublime realidade que é o Amor. Hoje sou feliz, mas muitos obstáculos tive que superar e muitos espinhos tive que tirar da minha própria carne, para atingir o equilíbrio e a paz que me sustentam o ser.

Não trilhei bons caminhos outrora, mas a bendita luz de Jesus curou-me eternamente da ignorância. Quando assisti à imolação do grande Mestre na cruz, desfaleci de dor. Permaneci em estado de choque por um tempo indefinível, mas quando tornei à plena consciência, já não era aquela figura sem expressão do populacho. Estava transformado! Antes, minha fé nos ensinamentos daquele homem era pequena, embora suas idéias tivessem tocado de forma especial meus sentimentos mais íntimos. O seu sacrifício serviu como um estopim para minha alma, deflagrando nela uma explosão de transformações.

Os anos seguintes dediquei a pregar o Evangelho por cidades e vilarejos ermos. Tinha eu os pés descalços e as roupas eram andrajosas, mas o desejo de servir a Jesus era soberano. Porém, os homens de antes e de agora não queriam e não querem ouvir as minhas palavras. Eu os entendo Mestre! Não tenho a Vossa Luz e Majestade. Sou ainda pequeno e imensamente nulo perto de Ti!

Ao final daquela vida, cansado e vítima da lepra, sorvi o amargoso fel do abandono. Almas a quem ajudei a soerguer, irmãos que acudi nos momentos de desventura, todos agora davam-me as costas. Contudo não chorei. A alegria em ter sido instrumento para os ensinamentos de Jesus, estava ainda bem forte em meu coração. Quanto mais era execrado pelo mundo, mais perto do Mestre me sentia. Compreendi a doença e o abandono como uma necessária purificação para a minha alma.

No entanto, há maior dor para um pai do que não ter seu filho ao lado quando a fraqueza se avizinha? Pois foi este o grande motivo para que eu me abatesse. Busquei a companhia de meu único filho, no final daquela vida de labutas materiais e espirituais, e não tive acolhimento.

Retirei-me para longe com a doença em processo inicial, mas já com alguns sinais visíveis pelo corpo. Estava profundamente magoado com meu filho e foi com este estado de espírito que vivi os últimos momentos na Terra.

Quando librei-me do fardo material, não encontrei paz do outro lado da vida. Vaguei por muitos lugares remoendo a tristeza e a mágoa causados pelo meu filho, esquecendo-me das boas obras que eu havia realizado. Na verdade eu não soubera perdoar, embora Jesus tantas vezes houvesse dito ser fundamental a prática do perdão, para se atingir o Reino dos Céus.

Mas o Senhor, com Sua Misericórdia Divina, buscou-me em meio à escuridão onde me encontrava. Bastou que me lembrasse Dele com fé! Naquele instante sublime, ouvi maravilhosa voz exortando-me ao perdão. Reuni minhas forças espirituais e pensei com amor no meu filho, que ficara na Terra. Então, libertei-me e segui para a Vida Maior.

Hoje agradeço a Deus por continuar servindo à Lei de Amor, auxiliando aos deserdados da sorte, que estão abandonados tanto no mundo material, como nos planos astrais próximos à crosta terrestre. Obrigado Senhor!

Abdias

17/04/1995

Alerta para Transformar

Pai amoroso, sou profundamente grato por estar em contato com o mundo dos encarnados, para deixar uma mensagem de alerta.

A missão na qual fui investido, basicamente é a de comunicar ao chamados vivos, que eles estão mortos. Não vos assusteis, mas vós estais mortos! Por quê? Porque no mundo de onde venho, a alegria é soberana. É muito comum encontrarem-se sorrisos nos rostos e todas as mãos labutam através de substância luminosa. Não quero provocar discussões, nem muito menos a inveja em meu semelhante, mas continuo a afirmar que vós estais mortos.

O plano terreno cheira mal. Densas nuvens de fumaça saem das bocas humanas que blasfemam e das muitas cabeças que planejam o mal. Não sabem vocês aquilatar como o pensamento negativo é construtor e mantenedor do inferno onde vivem. Vejo com frequência bombas explodirem em vossas ruas e sobre vossas cidades. Não me refiro a uma nova guerra em andamento, mas aos petardos mentais que vós despejais incessantemente uns contra os outros. Isto é uma guerra não declarada, mas executada fielmente de acordo com o que vai nos corações terrenos.

Irmãos, já caminhei convosco no mesmo solo infértil que hoje pisais, e lamento a esterilidade na qual permanece. De onde estou, posso divisar com clareza para onde ruma a humanidade sofredora. E afirmo que é, em grande parte, para um abismo de dor. Volto a assinalar que não pretendo chocá-los com minhas palavras, mas sim chamar a vossa atenção para outras realidades, mais além das mesquinhas intenções que preponderam na vida, somente direcionada para a matéria. Quando projetarem uma idéia ou palavra, lembrem-se que gostariam de receber compreensão ao invés de injúrias. É tão simples!

As ambições desregradas do ser humano não admitem que um espírito, ou como muitos chamam, espectro ou fantasma, possa ter vida e novamente direito à voz. Em outra época, meu discurso era cortante como a adaga e sibilante como o são as serpentes. Meus pensamentos já destilaram fel e calúnia. Eu fui, um dia, um instrumento das trevas. Contudo, hoje regenerado, retorno ao palco de outrora para conclamar aos que possuem um corpo denso, que não sejam mais portadores dos germes da discórdia. A agudeza de minhas palavras não tenciona gerar conflito, mas sim causar um despertar. Acrediteis que sois luz e

imediatamente luzirão. Acrediteis que sois paz e no mesmo instante pacificarão. Acrediteis que sois deuses e milagres realizarão.

Richard
17/04/1995

Evolução em Muitas Vidas

Pai Celeste, que a tua paz se faça sobre a Terra! Em teu nome sagrado deposito minhas esperanças de redenção final. Estou aqui para servir-te, trazendo ao conhecimento geral a minha história evolutiva.

Em épocas imemoriais, eu praticava ritos onde se sacrificavam vidas humanas em honra a um deus sanguinário. Na ignorância de meu espírito, então bruto, a imolação de pessoas e animais fazia aplacar a sede macabra de uma divindade voraz e terrível. Tive, com isso, um fim desagradável, não compreendendo os erros cometidos.

Os tempos passaram e voltei ao quadro terrestre. O lobo retornava em pele de cordeiro, mas o temível deus de antes não o reconheceu, dele fazendo nova vítima. Novamente desencarnado, entendi a brutalidade daquela crença, pois senti na própria carne a dor da imolação. Arrependi-me e pedi ao Supremo Senhor para voltar e ajudar a desfazer a horrenda seita.

Renasci em terras próximas à região que cultuava a vil divindade. Desde pequeno, estremecia ao ouvir as histórias daquele povo, ignorante da bondade do verdadeiro Deus. Um sentimento de pavor, misturado à determinação de pôr fim àquelas atividades nefastas, cresceram na minha mente conforme eu me tornava adulto. Quando cheguei à maioridade, tornei-me guerreiro de minha nação. Com o tempo, atingi a posição de chefe militar e político, insuflando à população a idéia de que somente destruindo o país vizinho, cultuador do deus maldito, é que teríamos fartura e paz duradoura, pois o nosso deus assim o ordenava. Então, uma sangrenta batalha ocorreu entre os povos vizinhos, que antes não agrediam-se. Meu intuito de servir a Deus, tornou-se uma manifestação de novas dores e sacrifícios.

Quando retornei à espiritualidade, tomando conhecimento da Verdade Maior, novamente lamentei profundamente. Então, pedi ao Pai que me propiciasse uma vida humilde e afastada de toda aglomeração humana. Queria esquecer o passado, estando num lugar que estimulasse uma integração de minha alma com a harmonia divina.

Ressurgi no mundo como artesão humilde em longínqua terra. Trabalhava o barro, fazendo tijolos e pequenas peças de uso doméstico. A labuta diária, desde a infância, calejou-me as mãos, deixando-me os braços fortes e embrutecidos. Em determinado dia, um grande exército assomou em meu pequeno vilarejo, arrebanhando homens para a guerra. O sangue em

minhas veias borbulhou e o ímpeto para a vida atribulada sobrepujou-me as intenções de uma vida pacata. Novamente estava eu envolvido com a morte de homens e mulheres, até que Deus chamou-me, mais uma vez, para prestar conta de meus atos.

Na contabilidade divina, o meu débito era assombroso. Muitas mortes havia nos meus arquivos eternos. Desesperei-me não sabendo mais o que pedir ao Pai, até que, num dia, um mensageiro do Altíssimo explicou-me sobre uma nova jornada à Terra. As condições que me foram apresentadas eram difíceis de acreditar e suportar. Nasceria como pobre mulher, enjeitada desde a infância, em área miserável de uma grande cidade. O mensageiro fez-me ver que esta era uma grande oportunidade de adquirir humildade e solidariedade, com relação aos meus semelhantes. A muito custo e desgostoso, decidi-me a encetar a nova viagem.

De volta ao mundo, a condição que me foi imposta quase provocou meu desencarne em prematura idade. Crescendo em meio a miséria, suportei os desvarios de homens animalizados, ainda jovem. Lutei pela sobrevivência alimentando-me dos restos da nobreza da época, que acolheu-me como serva ínfima. Fui humilhada e vilipendiada sucessivamente, até que, novamente, fui chamada às portas do Eterno.

Contudo, desta feita, embora eu trouxesse uma expressão triste e desolada, minhas mãos não estavam mais manchadas de sangue. O Supremo Senhor então concedeu-me melhor chance na Terra, em local de relativa paz, numa região de tradições preponderantemente agrícolas.

Renasci como pobre camponês, cujo sustento era retirado do solo, sob o guante terrível de um sol abrasador, somente abrandado pelas inconstantes brisas provenientes das montanhas. Porém, o penoso modo de sustento não abateu-me. Já acostumado às asperezas da vida material e tendo amealhado um certo grau de solidariedade, vivia em paz, apesar de não ter perspectivas de melhoria.

Num dia inesquecível, soube de um homem de elevada envergadura espiritual, que assombrava os aldeões e populações vizinhas. Busquei-o e ele apresentava-se ricamente vestido, movendo-se através de passos nobres e tendo gestos bastante pausados. Demonstrava ser detentor de grande sabedoria. Dizia-se que o homem procurava discípulos, para ajudá-lo a divulgar a doutrina que professava pelo mundo.

Encontrei-o numa de suas pregações e candidatei-me como aprendiz. Ele, parecendo poder enxergar dentro de minha alma, deu-me uma tarefa, cuja realização facultaria a minha

aceitação sob sua orientação. A tarefa consistia em realizar jejuns sucessivos em praça pública, durante vários dias, purificando o corpo, para fazer elevar a alma. Não compreendi o ensinamento oculto, que estava por trás da estranha prova a qual me submeteria. Enquanto fazia o que havia me indicado, tornou ele a pregar e fazer visitas a pessoas doentes, curando-as através de estranhas misturas de ervas e invocações místicas. Eu, atônito, o observava cruzando o vilarejo nas suas tarefas incessantes, do ponto onde permanecia sentado jejuando, e estranhava a falta de atenção para comigo.

Em determinado dia, após longo período sem alimentação e de exposição aos transeuntes, tornei ao mestre e perguntei-lhe porque devia eu ficar sob tão rígida disciplina, enquanto ele era livre para ir e vir, alimentando-se com regularidade e adquirindo notabilidade popular. Respondeu-me solícito, que enquanto o homem não conquistasse o domínio de si mesmo, não era digno de envergar túnicas leves e curar o próximo. Esta lição proporcionou-me um profundo desejo de autocontrole e autoconhecimento, para que eu pudesse atingir uma dignidade semelhante a do nobre homem, que, a partir daquele momento, tornara-se meu guia.

Sou, hoje, eternamente grato a este espírito que acolheu-me sob sua tutela naquela época remota, ajudando-me a realizar uma grande transformação interior. Atualmente, ainda me conduz no mundo maior em busca da imortalidade.

Minha história espelha a realidade evolutiva do homem, que caminha da forma animal de conduta, para o sublime estado de espírito liberto. Desejo que sirva de estímulo àqueles que caminham sem motivação especial, julgando-se ínfimos demais para tornarem-se sábios. Despeço-me, prometendo retornar para apresentar-lhes outras experiências que tive e que foram úteis para a minha senda evolutiva.

Gideão

20/04/1995

A Regeneração

Senhor! Agradeço a mais esta oportunidade de servir.

Quando ocupei um corpo material em época retirada, buscava o prazer, a alegria sem fim. Não percebia que a plenitude da felicidade era impossível gozar na Terra. Minhas andanças pelo mundo eram marcadas pela ilusão. Mas o que é ilusório não dura muito e severos baques atingiram-me, transformando meus doces sonhos em pó.

Naquela época, era empregado de grande e rica propriedade rural, onde labutava ganhando o pão de cada dia. À noite perseguia a alegria com desembaraço, dançando e bebendo ao som de músicas estimulantes. Tinha muitos amigos que, como eu, eram seres à busca de satisfação constante.

Quase sempre chegava em casa cambaleante. Desgostava a família, sobretudo aos filhos, que envergonhavam-se do pai por já ser considerado, por todos, um alcoólatra. Minha esposa era criatura de pouca força, muito tímida mesmo, não obstando nada ao meu proceder. Ela apenas vivia de forma automática, cumprindo o seu dever como a sociedade daqueles tempos estabelecia. Às vezes eu era tocado pela tristeza e decepção que via nos olhos de meus filhos, mas eu era impotente para reagir contra os vícios.

Muitos execravam-me, mas nenhum desses interessava-se em prestar-me um auxílio sincero. A maledicência era o prazer dessas pessoas. Eu era mais fraco do que mau. Apenas queria sorver o cálice do prazer e esquecer as limitações que a vida me ofereceu. Desde tenra idade, fui obrigado a trabalhar duro e nunca tive a satisfação de ouvir palavras de estímulo. Meus planos para o futuro não tinham base para serem concretizados. Então, minha sina seria trabalhar até que a morte me levasse, após uma vida de pesadas tarefas braçais. Desta forma, nada avivava meu espírito, sofredor por falta de alimento para os sonhos. Por isso, bebia.

Nunca agredi às crianças e à pobre mulher que me acompanhava, mesmo quando os pequenos reclamavam, ou, quando já maiores, me exprobravam. Apesar de tudo, consegui sustentar a família com o mínimo necessário.

Um dia, a morte rondou nossa casa, ceifando-me a esposa. Os filhos, já crescidos, seguiram suas próprias trajetórias e fiquei só. Cansado com as noitadas e com o álcool que não nutriam o espírito, passei a andar sem rumo, buscando algo que me consolasse, que me trouxesse paz.

Certa vez, caminhando por uma estrada larga, encontrei uma casa de oração. Praticamente esgotado, adentrei o lugar. Ele era limpo e muito claro, causando-me boa impressão. Porém, não dei muita importância a este fato, pois, no momento, apenas queria estar só e pensar num novo sentido para a vida. Nos últimos tempos, lembrava constantemente dos filhos e da mulher falecida. Estava nostálgico em relação à família, a qual nunca dera o devido valor anteriormente. Então, no ambiente daquela casa aparentemente vazia, ajoelhei-me. Não sabia rezar, concluindo que era realmente muito miserável. Envergonhei-me e resolvi sair.

Contudo, para minha surpresa, havia alguém. De um canto do salão, estava um homem idoso a me observar dentro da alma. Não levantei-me. Eu parecia estar pregado firmemente ao chão. Após alguns instantes de silenciosa expectativa da minha parte, ele falou-me indagando o que procurava. Não sabendo o que responder e sentindo-me bastante embaraçado, quis sair, mas não conseguia. A partir daquele instante, um estranho fenômeno se processou comigo. Minha vida, nos seus momentos mais importantes, surgiu-me na mente em cores muito vivas. Nada conseguia responder ao velho, o que sobremaneira aumentou a minha angústia. Seus olhos continuavam fixos nos meus, esperando algo. Então, comecei a chorar.

Mesmo com as lágrimas a percorrerem meu rosto, o que turvava-me a visão, pude perceber uma luz branda começar a brilhar em torno da figura paternal do ancião. Quis sumir, mas não era possível. Ajoelhado estava e assim permaneci. Seus olhos eram ao mesmo tempo doces e acusadores. Emanavam ternura, mas também eram disciplinadores. Havia um grande amor e uma poderosa autoridade. Sentir-me desnudado diante daquele homem, foi um choque forte demais para um ser já desgastado como eu. Assim, naquele momento, desfaleci.

Quando despertei, estava estendido sobre uma relva verde nos arredores de minha humilde casa. Haveria sonhado? Não sabia responder a minha própria indagação, mas uma nova convicção habitava no meu coração. Eu fora transformado por aquele sonho ou visão, tornando-me um homem sóbrio. As tabernas, com suas bebidas e diversões baratas, eu não procuraria mais. Eu era um novo homem. Queria apenas ser útil e não buscaria, nunca mais, uma felicidade ilusória. Trabalharia pelo próximo, ao invés de perseguir satisfações fugidias.

Então, passei a auxiliar pessoas mais pobres e miseráveis que eu. Bêbados, crianças maltrapilhas, às vezes famílias inteiras e toda espécie de enjeitados da sociedade eu procurava amparar, dentro das minhas possibilidades. Desejava acolher o mundo em meus braços. Deus,

na sua Infinita Bondade, ajudou-me a recobrar as forças. Tornei ao trabalho e o que amealhava, dividia com desconhecidos que aprendera a enxergar como irmãos. Sabia o quanto eles eram fracos e desviados do equilíbrio de uma vida honesta, pois eu também havia sido um desequilibrado. Eu passei a conhecer as pessoas pelo olhar. Podia adivinhar os dramas que se desenvolviam na alma de cada um deles. Suas lágrimas tornavam-se minhas. Suas dores e feridas doíam em mim. Tudo o que eu fazia, julgava ser pouco. Gostaria de doar muito mais. Na realidade, não vivia mais para mim.

Nunca mais senti-me só. Este foi o maior prêmio que poderia receber e foi a felicidade que eu buscara em toda minha vida, sem perceber. O resto de meus dias trabalhei para o próximo, curando suas mazelas ou, pelo menos, trazendo-lhes consolo. Finalmente fui feliz.

Cristóvão
24/04/1995

Fé

Bendito seja nosso Senhor Jesus Cristo! Vim para falar sobre a Fé. A Fé é virtude das mais poderosas que o homem possa ter. Isto, porque a Fé não duvida em momento algum. Ela não questiona, simplesmente sabe e crê. Esta capacidade é algo superior a ser desenvolvido pelos entes humanos. Poucos são os que a têm naturalmente, intuitivamente, por isso, muitos cambaleiam sobre a Terra à busca no que crer, sem um timão que dê um rumo seguro ao barco da vida. A fábula que contarei em seguida, exemplifica o que quero passar aos meus irmãos encarnados.

“A Fé, um dia encontrando-se com a Dúvida, por um caminho da vida, percebendo-lhe o semblante triste, perguntou-lhe: – Por que és infeliz? A Dúvida, personificação da derrota, lhe respondeu: – Sou tão pequena, que até duvido de minha própria existência! A Fé, corajosa, replicou: – E porque chegas a duvidar que tu existas, se eu falo contigo e tu me respondes? A Dúvida, na sua insignificância, rebateu: – Veja bem, o vento pode falar mas, na realidade, apesar do som que emite, ele é oco e sem substância. Com esta resposta tão deprimente e destituída de força, a Fé teve compaixão da Dúvida, aconselhando-a que primeiramente acreditasse em Deus e que, em seguida, experimentasse acreditar que ela era filha deste mesmo Deus e Pai, que a tudo provê na medida certa. Quem sabe se agindo assim, ela se torne mais feliz, pensou a Fé. Porém, a Dúvida dando de ombros e voltando a seguir pela estrada, como a se arrastar, disse por fim: – Deus pode até existir, mas se Ele fosse bom de fato, eu não seria triste e desolada como sou. E foi-se.”

Pois é meus irmãos, assim caminha a humanidade, culpando a Deus por suas dúvidas e incertezas acerca da vida e da morte. Na realidade, cada ser humano é o verdadeiro construtor de seu destino, ou seja, cada pessoa é unicamente vitoriosa ou derrotada por si própria. A responsabilidade sobre o futuro humano não é de Deus. Ele apenas mostra, através de seus mensageiros, como discernir o bom caminho, evitando os atalhos que levam ao sofrimento. Além disso, o Pai Maior nos oferece múltiplas oportunidades de acerto ou de correção dos erros passados. Por isso, nós é que deteremos o mérito ou colheremos os espinhos oriundos das ações que praticamos. A Lei Divina existe com o intuito de corrigir, nunca apenas punir ou castigar. A misericórdia de Deus vai além do que nossos limitados olhos podem alcançar. Tendes Fé. Experimentai trocar vossos pensamentos de dúvida pela esperança, pois, um dia, a

esperança se transformará em certeza, que é a Fé pura e inabalável na vitória sobre as limitações humanas.

Charles

09/05/1995

Jornada para a Luz

Salve a Força Divina em todos. Irmãos, o Pai Celeste não abandona seus filhos em momento algum do aprendizado terrestre. Também, quando Seus filhos amados não têm mais uma vestimenta carnal, estão constantemente amparados. Os seres em evolução sempre estão sob as irradiações benignas do Pai.

A vocês que estão encarnados, o sofrimento ou a privação muito impressionam, causando mal estar ou até revolta contra os desígnios do Senhor. Esquecem do ensinamento do Divino Mestre de que “sois deuses”, e que toda a fonte de cura está dentro de cada um. Os paraísos celestes, o Reino, o Poder e a Glória, estão dentro de vós. A luz emana do interior para o exterior. Aprender a manipular a fonte universal de luz é o segredo da felicidade imorredoura. Deve-se, para isso, mentalizar e praticar o Bem, vivenciando, a todo instante, a união com o Criador. Se constantemente realizarem este exercício, em breve estarão sentindo, com naturalidade, os bons eflúvios que vêm de dentro. Contudo, não se permitam fraquejar durante a caminhada, pois ainda há degraus a serem vencidos. A disciplina, a fé e a alegria de servir sustentam a jornada do viajor.

Muitas transformações, em nível planetário, proximamente se materializarão para estimular a evolução da humanidade. Porém, aqueles que aspiram ao retorno à Casa do Pai, nestes dias angustiosos que se avizinham, devem-se preparar adequadamente, aproveitando os ensinamentos exemplificados pelo Mestre Jesus. Que a paz do Cristo esteja com todos.

Frei José

22/02/1996

O Amor Divino

O Amor Divino se reflete na Terra de múltiplas formas. É desde o fruto que alimenta até o amor maternal. É desde a água que dessedenta até o braço paterno que ampara. É a palavra que consola e o grito de alerta. Está nas flores e suas essências, nos pastos que alimentam os animais, no solo que sustenta a vida vegetal. Habita nos rios e mares que são espelho para a luz do sol e em vós, seres humanos, que são cálices deste mesmo Amor.

Sustentem-no em vós e distribuam-no a tudo que está a vossa volta. Não economizem no amor que possam dar, pois, na Matemática Divina, quanto mais se divide o amor com o semelhante, mais ele se multiplica. Cantem como os pássaros, que voam livres sob o fundo azul do céu. Sejam livres como os pássaros na escolha de seus caminhos, mas não guardem em vossos peitos o tesouro dado pelo Pai. “Dai de graça o que de graça recebestes.” E com o tempo, o Amor Divino doado a vós, e transformado por vós em amor humano limitado, tornar-se-á novamente a luz pura original. Que a Paz do Senhor esteja convosco para todo o sempre.

João

11/03/1996

Mensagem de Amor

Caros irmãos, observem os insetos que voejam em volta das lâmpadas de suas casas. Tudo é atraído para a luz! As plantas, elas também buscam os raios do sol. Elas sempre se viram para encontrar a sua face dourada. Observem os homens! Vejam como os que vivem ao sol são positivos, alegres e cheios de energia! Observem novamente os homens! Notem como os que vivem sob luzes espirituais, sob a bênção do trabalho honesto, sob a paz de um lar harmônico, como trazem rostos suaves, expressões sadias e uma aura de paz.

Por que a inveja? Por que a irritação? Por que a angústia, se Deus é um infinito manancial de bênçãos? Por que a miséria moral se toda a natureza clama a perfeição e a plenitude divinas? Sejam paz, amor e simpatia, mesmo que com o coração ulcerado pela dor ou pelo remorso. Assim, cairá sobre vocês grande quantidade de eflúvios regenerativos. Amigos surgirão, bem como novas oportunidades, sorrisos sinceros e gratidão do fundo d'alma. Nada vale a lágrima de tristeza, o sorriso não expresso ou a falta de candura na voz. Tudo vale um aperto de mão, um abraço verdadeiro, o desejar bem. Quando estiverem acostumados a assim proceder, enxergarão, surpresos, em torno de si mesmos, que não encontrarão mais angústias, esgares de dor ou o medo paralisante.

O Amor é o lubrificante para todas as engrenagens enferrujadas da vida. É o remédio para todas as doenças. O Amor é o agente agregante das infinitas partículas que formam o universo manifestado. É a força que atrai o elétron ao núcleo atômico, tanto quanto mantém os planetas ao redor dos múltiplos sóis que flutuam no cosmos. Sustenta o inseto ínfimo, como também alimenta o Anjo protetor. É o combustível que move os seres elementais em seu silencioso trabalho e é a potência que flui através dos arcanjos siderais. O Amor é a centelha divina que dorme nas pedras, sonha nos vegetais, se exercita nos animais e desabrocha no homem.

Cabe a cada um de vocês usar o dom do Amor com abundância. Dar e receber! Dar de graça o que sempre de graça receberam! Fluir no grande rio da evolução através do Amor, porque mesmo que prefiram caminhar por entre espinheiros, volta e meia dar-se-ão com a face augusta do Amor. Então, toda máscara cairá por terra. Toda ilusão esvanecer-se-á. Só restará a essência que a tudo anima: o Amor Divino.

Glória

18/06/1996

Transmutações

Saudações filhos queridos! Que as bênçãos do Senhor possam fluir livremente através de todos! Que as melhores flores do Jardim Divino possam perfumar as vossas mãos e que vossas pegadas façam brotar lírios de purificação sobre a Terra. Para isso, mantenham-se em paz, dominando a si mesmos. Deixem a canção do espírito imortal percorrer vossos corpos e mentes humanos. Aparem o quanto antes as arestas da personalidade, mantendo sob rédeas curtas a parte animal que teima em não morrer. Escutem a voz interior que a tudo dirige, para que sejam o Pai em ação na Terra. Após a germinação da boa semente, o campo deve ser mantido limpo para que a árvore surja e dê os esperados frutos. Quanto mais se lavra a terra através de experiências edificantes, maior a fecundidade do espírito.

Observem como tudo na natureza, em seus primórdios, deve ser protegido, cuidado ou cultivado. Os ovos dos pássaros serão futuros seres com plenas possibilidades de alçar vôo, se forem bem aninhados e aquecidos. As sementes resultarão em nova e farta colheita, se bem aguadas e adubadas. O feto dará lugar à criança, com todo o seu anseio de crescer, se a mãe doá-lo amor e boa nutrição. O homem permitirá o aperfeiçoamento do espírito em direção ao anjo, se cultivar a virtude. Assim, pensem em cada alma humana como se fosse uma criança que cresce cheia de sonhos. Estes devem ser mantidos no que têm de real valor para a vida eterna. O sonho que for apenas ilusão deve ser deixado de lado. Vocês poderiam perguntar qual a diferença entre um sonho puro (uma aspiração justa) e uma mera ilusão terrena. A resposta virá para cada um conforme o grau de entendimento atingido, conforme o esforço a que se entregaram ao longo dos milênios. Um criminoso comum aspirará adquirir posses e viver em abundância, sem o justo esforço. Porém, paulatinamente, este irmão compreenderá a Lei de Causa e Efeito, percebendo que a exploração dos bens e do esforço alheio resulta em penalizações para si mesmo, ou seja, entenderá que a sua aspiração era apenas uma ilusão. Ele procurará, então, amealhar recursos com o suor do próprio rosto numa próxima oportunidade.

Analisemos uma outra situação. Um homem deseja ser santo. Quer pregar, converter e trazer um grande número de ovelhas para o Aprisco Divino. Passa toda uma vida levando a Palavra do Senhor às multidões, esquecendo de fazer a sua reforma íntima, para modificar velhos hábitos negativos. Também se ilude, pois a sua aspiração nada mais é do que vaidade humana disfarçada de virtude. A este se dirá: “Conhece-te a ti mesmo”.

Portanto, cada um que esteja encarnado deve separar o joio do trigo dentro de si. Ter sonhos é positivo porque eles são a mola propulsora da evolução, mas deve-se eliminar progressivamente tudo o que gera decepção, rancor, dúvida, desagregação. Só o amor deve ser alimentado. Cultivem os campos do Senhor com esta energia que a tudo sustenta, pois quanto mais derem amor, mais receberão, alcançando a desejada redenção.

Aníbal
30/7/1996

A Evolução de Paulo

Irmãos, eu iniciei minha escalada evolutiva há muitos milênios atrás. Em muitas pedras tropecei. Cicatrizes surgiram e, com o tempo, sumiram. Minha alma, no começo, era cheia de viço e meus olhos brilhavam de esperança. Depois, tornei-me duro e seco. Meu olhar endureceu, pois perdi de vista o ser que sorriu sinceramente para mim um dia. Meu coração fez-se pedra. Tão embrutecido fiquei, que não percebia que meus pés não apenas faziam-me caminhar, mas também esmagavam ervas tenras e cheias de esperança. Perdi a noção de humanidade. Toda a esperança de felicidade era, para mim, uma agressão. Estava cego.

Em inúmeras vidas, tive várias deformidades pelo corpo. Porém, nada fazia abrandar o meu olhar frio e minha voz, que amaldiçoava o sol e a luz. Num gesto de bondade, enxergava a vaidade. No agradecimento cordial, via o orgulho. O trabalho honesto só entendia ser ambição desvairada. Contudo, no fundo da minha alma, ainda pulsava uma esperança. Não sabia qual, nem o porquê. Deus, que era um ente em quem não acreditava, parecia espreitar, guardando um trunfo para transformar-me. Havia algo com que acicatar-me a rigidez de caráter. A rigidez que cultivava com esmero e persistência sem par.

Um dia, numa dessas minhas vidas jogadas fora, já com a saúde severamente perturbada, um par de mãos tocou-me o corpo desgastado. O olhar duro e sem brilho encontrou algo indefinível. A mente turvou-se. Palavras queriam sair da boca seca de espanto, pelo sorriso que me atingia. Um corpo velho e decadente mais uma vez sucumbia, mas um brilho, numa alma sempre sombria, voltava a luzir. Acompanhei-a por longos anos, embevecido, sem perceber que não era mais feito de carne e osso. Só respondia ao impulso de segui-la, mas, a luz daquela criatura atraía sem permitir uma aproximação maior. Tinha que ficar a certa distância, senão seria ofuscado. Eu era um mendigo de luz, daquela luz em especial.

Num certo dia, ajoelhei-me durante um momento de maior lucidez, clamando por um Deus que ensinaram-me existir. Eu queria tocá-la, protegê-la, quando uma luz maior se fez presente. Então, uma voz ecoou dentro do meu ser, dizendo: “Busca-a! Aprenda a amar para ser amado. É dando que se recebe. Perdoa e serás perdoado. Dê de graça o que de graça receberes. Bate e as portas se abrirão. Abra teu coração e ame a vida.” Mudei! Toda a persistência, o destemor e a força de um ser mudaram de rota. O olhar seco, duro e frio

transformou-se em compreensão. A dúvida transmutou-se em fé. A revolta e a rebeldia tornaram-se perseverança e disciplina. E eu lembro, neste momento, uma sábia citação: “Quem é forte no pecado, é forte na fé”. Caminhei como nunca. Refiz roteiros amargos com um sorriso nos lábios. As mãos calejadas e o suor eram agora abençoados por mim.

Desde então, sempre voltei a encontrar-me com aquela criatura graciosa. E cada vez mais que tinha seu sorriso por perto, mais o meu espírito se sentia estimulado a evoluir. Hoje, habito na casa do Pai, onde a luz não faz sombras. Irmãos, no trecho da oração ensinada por Jesus, “ Venha a nós o Vosso Reino e seja feita a Vossa Vontade”, traduzam da seguinte forma: o Amor de Deus cobre a multidão dos pecados.

Paulo

17/10/1996

A Orientação de Ismail

Venho de longe. Porém, termos como “longe”, “perto”, “acima” ou “abaixo” são muito relativos e inerentes às limitações do vocabulário terreno. Numa tentativa de melhor me expressar, digo que minha evolução é antiga, vem desde tempos muito mal registrados pela história humana.

Vivi em campos verdes, desertos, florestas, nas montanhas e à beira-mar. Tive religiões diversas. Pratiquei doutrinas variadas e, algumas, até difíceis de se compreender pelos padrões atuais da humanidade. Servi a reis e fui sacerdote. Também ombreei com figuras, cujos nomes estão em vossos livros. A experiência dos anos, das vidas, marcaram-me o ser. Imprimiram nuances, facetas de compreensão no meu caráter perene, ou seja, em meu espírito.

Quando pertenci à casta sacerdotal egípcia, amalhei muitos conhecimentos acerca da vida imortal. Sob a vestimenta caldéia, desenvolvi positivos poderes psíquicos. Como druida, conheci segredos da natureza e a sua relação com a forma humana de ser. Na cristandade, exercitei rígidas disciplinas com vistas ao autocontrole.

O mundo interno sempre exerceu, em mim, um irresistível fascínio a cada encarnação que tive no planeta. Para muitos, o mundo interno é algo extremamente passivo e carente de atrativos, mas afirmo que não. É nele que a vida realmente habita e se move com maior vigor. É nele que se pode ter maior força para alcançar a Deus. Por isso, é fundamental que se conheça o mundo interno, através da elevação das próprias capacidades de percepção, quando, então, será possível usufruir da paz e das infinitas alegrias espirituais. Isto se consegue, aquietando-se a mente humana e equilibrando o coração carnal. Ao mesmo tempo, deve-se desejar alcançar uma compreensão superior, o que, ao fim de certo tempo, permitirá a abertura da Mente Espiritual e a conexão com o Coração Divino. Contudo, o discípulo só recebe o conhecimento, quando o esforço próprio foi realizado. A dedicação é boa moeda com que se adquire a Elevação. Assinalo que somente a dedicação sincera e tenaz pode produzir bons e proveitosos frutos.

Caros irmãos, não se deixem levar pelas coisas do mundo, que somente geram distração com relação à verdadeira meta. É melhor preferir a água pura que dessedenta do que

o vinho dos prazeres mundanos. Somente os aromas e os sabores espirituais são imperecíveis.
Desejo paz a todos.

Ismail
01/06/2000

O Caçador

Caros irmãos, há muito tempo atrás eu estava encarnado e vivia completamente em função das coisas materiais. Minha vida era caçar, que era o meu sustento principal, amar minha esposa e filhos, e cavalgar sob o sol acolhedor. Comercializava as peles dos pobres animais abatidos com muita esperteza, valorizando ao máximo a minha atividade.

Meus sonhos eram povoados pelas imagens do dia a dia. Sob certo ponto de vista, aquela minha vida poderia ser classificada como simplória e monótona, mas, para mim, era tudo. Eu era feliz e nada mais importava.

Numa época de inverno, cujas temperaturas foram mais baixas que o normal, minha adorada esposa adoeceu. Sua enfermidade deixava-a sem fome, e, a cada dia que passava, ela definhava claramente. Ao final de poucas semanas, a morte chegou para levá-la de mim. Fiquei só, com um casal de filhos. Um, era um menino de 10 anos, e o outro, uma jovem de 16 primaveras. Então, passei a levar o garoto para as caçadas, ensinando-lhe a preparar armadilhas de vários tipos, e treinando-o nas habilidades com o arco e flecha. A moça, por sua vez, permanecia em casa cuidando dos afazeres domésticos. Ela tornou-se rapidamente uma criatura tímida e triste. Eu escondia meus sentimentos, mas era também um ser acabrunhado. Meus sonhos, agora, concentravam-se em imagens do passado, quando a família completa era feliz.

Mas o destino, que nem sempre traz ensinamentos claros à primeira vista, parecia não se compadecer da minha pessoa. No ano seguinte, meu bom e jovem filho viria a falecer, picado por uma cobra. Aquela nova perda levou-me a uma profunda fragilidade. Meu estado de espírito agora variava entre a amargura e a franca anulação. Reduzi as minhas atividades de caçador drasticamente, apenas saindo para buscar alimento. A pobreza fez morada em minha casa. Quanto à filha que me sobrou, apenas limitava-se a seguir meus passos. Seu poder de reação era pequeno, na verdade menor que o meu próprio.

Um bom companheiro de juventude, sabendo das vicissitudes que se passavam em meu lar, num dado dia veio, de vilarejo próximo, até a minha choupana. Trazia ele um semblante contrito. Sua intenção era das melhores e a honestidade do seu ser tocaram o meu íntimo. Suas palavras, provenientes do coração, estimularam-me à renovação. Falou de Deus, dos seus desígnios e de sua perfeita sabedoria, e que, um dia, eu compreenderia plenamente o

porque dos fatos ocorridos.

Sua visita reanimara-me substancialmente. Após a partida do velho amigo, passei então a preocupar-me mais com Maria, minha filha. Precisava conseguir um bom esposo para ela. Jorge, o meu companheiro de infância, tinha três filhos varões. Pensei que eles eram de boa estirpe e deveriam ter o caráter do pai. Um deles seria bom par para Maria, o que consegui arranjar pouco tempo depois. Contudo, ao ver-me só em casa, após a partida de Maria, voltei a ter pensamentos sombrios. A solidão afetava-me. Até mesmo a observação de como os animais conviviam entre si, nos agrupamentos de igual espécie, era motivo para entregar-me a sentimentos deprimentes.

Em seguida a este novo período de angústia interior, passei a ter sonhos muito vívidos com Sara, minha esposa falecida. Ela falava-me sobre entrega a Deus, sobre como o mundo divino era belo. Eu despertava saudoso, mas feliz por ter estado em sua presença e ter assistido a belas imagens no plano espiritual. Às vezes, passavam-se três ou quatro noites sem os sonhos e minha tristeza tornava a crescer. Porém, eles voltavam a acontecer, soerguendo-me a alma. Assim, vivi ainda por longos 13 anos na Terra.

Depois de contrair uma grave doença, breve e fulminante, deixei o fardo carnal, e, com júbilo, ressurgi na espiritualidade nos braços de Sara. Passei por um período de convalescença equivalente a vários meses terrenos, após o qual, recebi ensinamentos de irmãos mais experientes nas lidas espirituais. Compreendi que passara por uma provação, para que me tornasse um ser mais purificado. Tinha que aprender a viver só, para encontrar-me com o meu interior e, além disso, reduzir o desejo excessivo pelos bens materiais e pelos companheiros de jornada. Assim, entendi que unicamente deve-se alimentar o apego por Deus, a Fonte de todas as coisas do mundo, a causa primeira e a última, cuja essência é o puro Amor. Na solidão dos meus últimos anos na Terra, aprendi também que os seres da natureza eram como irmãos menores. Pude compreendê-los e respeitá-los mais. Na fragilidade que atingi naquela época, passei até mesmo a ter compaixão pelos animais, algo que jamais havia sentido antes.

Portanto, dei um passo à frente na escalada evolutiva e alimento a esperança de que esta minha singela experiência, sirva como ensinamento para aqueles que habitam o mundo material. Sejamos humildes. Aprendamos a estar em comunhão com os homens e os outros

seres da criação. A solidariedade é uma Lei Universal e o Amor é a base de tudo. Deixo-vos um caloroso abraço e o desejo sincero de que caminheis em direção à paz de espírito.

Ulisses

03/07/2000